



Universidade de Brasília – UnB

Instituto de Ciências Sociais – ICS

Departamento de Sociologia - SOL

Cuidadores Familiares

Uma dinâmica entre envelhecimento, trabalho e dever

Vitor Astavros Ferreira Lopes

Brasília, 2019

Vitor Astavros Ferreira Lopes

Cuidadores Familiares

Uma dinâmica entre envelhecimento, trabalho e dever

Monografia apresentada ao Departamento de Sociologia da Universidade de Brasília como um dos requisitos para obtenção do grau de bacharel em Ciências Sociais com habilitação em Sociologia.

Orientador: Prof^a. Dr^a. Christiane Girard Ferreira Nunes.

Brasília, 2019

Universidade de Brasília – UnB
Instituto de Ciências Sociais – ICS
Departamento de Sociologia – SOL

Cuidadores Familiares
Uma dinâmica entre envelhecimento, trabalho e dever

Monografia apresentada ao Departamento de Sociologia da Universidade de Brasília como um dos requisitos para obtenção do grau de bacharel em Ciências Sociais com habilitação em Sociologia.

Vitor Astavros Ferreira Lopes

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a. Christiane Girard Ferreira Nunes
Departamento de Sociologia – UnB

Prof^a. Dr^a. Christiane Machado Coêlho
Departamento de Sociologia – UnB

Brasília, 2019

“Palavras são, na minha humilde opinião, nossa inesgotável fonte de magia, capazes de causar grandes sofrimentos e também de remediá-los. ”(2007)

“Para uma mente bem estruturada, a morte é apenas uma aventura seguinte. ”(1997)

“Pode-se encontrar a felicidade mesmo nas horas mais sombrias se a pessoa se lembrar de acender a luz. ”(1999)

J.K Rowling

Agradecimentos

Gostaria de agradecer a todos que fizeram parte dessa jornada junto comigo. Não citarei todos, pois seu que acabarei esquecendo alguns.

Primeiramente sou grato de todas as formas possíveis à minha mãe. Desde o início da minha vida escolar ela sempre me motivou e forneceu os estímulos necessários para continuar crescendo. Acompanhou meus momentos de sofrimento e felicidade proporcionados pela UnB e nunca me impediu de vivenciá-los. Jamais me podou e sempre acreditou que as minhas escolhas eram maduras o suficiente, independente da minha idade.

Agradeço ao meu pai que também sempre esteve ao meu lado e me motivava – da sua maneira – a persistir e continuar no mundo acadêmico. Acredito que ele ainda não saiba muito bem o que é a Sociologia, mas isso nunca o impediu de me apoiar nas minhas decisões.

Gostaria de agradecer a todos os amigos que conheci e formei durante minha jornada na UnB. Cada um deles são e serão responsáveis pelas mudanças e aprendizados que tive, tenho e terei. Sabrina Raquel, Sarah Beatriz, Flávia de Sousa, Vinicius Almeida, Mariana Simões, Isabella Felix, Flávio Borges, Luna Nobre, Vitória Ferreira, Daniel Marinho, Alice Maria. Esses definitivamente são os mais importantes, essenciais e significativos – sendo isso no passado e atualmente.

Eternamente agradecido a todos os projetos que participei durante a minha graduação, sendo eles a Monitoria de Introdução à Ciência Política, a Socius – Empresa de Consultoria Júnior em Ciências Sociais, a Concentro, ao Programa de Educação Tutorial (PET-SOL) e ao Ciências Sociais nas Escolas (CiSO).

Agradeço à professora Chris (ela prefere ser chamada assim) que me acolheu num momento de desespero e que com muito carinho me auxiliou durante o processo de desenvolvimento dessa pesquisa. Sempre soube lidar com a minha desorganização e me acalmava durante minhas incertezas, nossas reuniões esclareciam minha mente e me colocavam nos trilhos. Muito obrigado, professora.

Obviamente agradeço todas as mulheres que compartilharam suas histórias e me aceitaram em sua casa, conversar sobre esse assunto não é fácil e nem confortável, mas ainda assim fui muito bem recebido e tratado carinho. Espero que meu trabalho possa de alguma forma, mesmo que ínfima, mudar um pouco da percepção existente sobre essa temática. Essas mulheres são dignas de todo o reconhecimento e prestígio e espero que essa pesquisa, até onde puder alcançar, lhes conceda isso. Obrigado.

Por fim, gostaria de agradecer à UnB. O local que sempre sonhei e me encantou desde o primeiro contato, você me possibilitou o autoconhecimento e auto aceitação. Nunca um lugar possuirá o mesmo efeito que você teve em minha vida e espero que muitas pessoas ainda tenham a possibilidade de usufruí-la. Obrigado.

Resumo

O processo de envelhecimento é natural e universal, mas a forma como é aceito e compreendido é resultado de aspectos sociais, econômicos, culturais e geográficos. Com o desenvolvimento e progresso científico nos campos da saúde o prolongamento da vida tornou-se assim uma realidade não somente de países tidos como desenvolvidos. Países nomeados como emergentes estão presenciando esse evento e no caso do Brasil não seria diferente. Desde de 1950 a população brasileira observa seus índices de longevidade aumentarem ano após ano, mas conjuntamente presenciou uma certa inadimplência com os agentes desse grupo. Quando os indivíduos atingem idades avançadas a necessidade de cuidado torna-se uma realidade para a maioria, sendo que esse cuidado pode apresentar-se de maneira mais branda ou intensa. A questão social aparece quando há o momento de decidir quem irá realizar o cuidado e quais são os critérios utilizados para decidir o agente. Nesse momento o núcleo familiar utiliza de todos os seus mecanismos e influência para delegar a tarefa e cabe a esse grupo e ao indivíduo que foi escolhido para criar estratégias para aceitar e dar continuidade na tarefa de cuidar.

Palavras-chave: Cuidado, Envelhecimento, Trabalho, Família, Idoso.

Sumário

Agradecimentos	5
1 – Introdução	9
2 – Metodologia	14
2.1 - Definição da Amostra	14
2.2 – Técnica e Procedimentos de Coleta	17
2.3 – Técnica e Procedimentos de Análise	19
3 – Envelhecimento.....	21
3.1 – Definição e o Processo no Brasil.....	21
3.2 – Pobreza, Fragilidade e Família.....	24
3.3 – Ócio e Saúde	27
3.4 – Interesse Internacional e Velhice Ativa.....	31
4 – Cuidado.....	34
4.1 – O que é Cuidado?	34
4.2 – A Família	39
4.3 – O Caso do Idoso.....	43
4.4 – A Cuidadora	45
4.5 – Realização das Tarefas e Desgaste	51
4.6 – Apoio Familiar, Relação com o Idoso e Futuro.....	55
4.7 – Perspectivas com o Futuro	58
5 – Conclusão	61
6 - Referências Bibliográficas	66

1 – Introdução

Cada ação ou evento social traz consigo diversos efeitos e consequências, o tema que abordarei nessa pesquisa é relacionado ao processo de envelhecimento e em como esse fenômeno é capaz de moldar a realidade e relações existentes entre os envolvidos. Essa situação vem sendo observada e acompanhada ao longo do último século em países europeus – como na França e Inglaterra - e nos EUA, pois nesses o envelhecimento populacional manifestou-se de maneira gradual e vem perpetuando-se de maneira mais contundente na realidade social, econômica e cultural. Um exemplo de um país asiático é o caso do Japão, no qual aproximadamente um terço da população é constituída por idosos.¹ Enquanto que em países com grandes índices de crescimento econômico e populacional vivenciado ao longo de décadas passadas – caracterizados como emergentes ou em desenvolvimento - o processo de envelhecimento também se apresentou, porém de maneira mais acelerada.

O envelhecimento é assim a materialização da passagem do tempo a que tudo e todos estão sujeitos e uma forma de analisar como cada país atua sobre essa realidade é através de suas políticas públicas específicas diante do envelhecimento, idosos, saúde e dos cuidadores – tanto formais quanto informais. Compreender como a sociedade concebe o processo de envelhecimento e como a representação do idoso é construída são de grande importância para a análise desse fenômeno. Normativamente a denominação de uma pessoa passa de adulto para idosa quando se completa 60 anos e usarei dessa concepção para nomear como idoso todos os indivíduos que se encaixam nessa faixa etária, mesmo que o termo seja muito abrangente e - aparentemente num primeiro momento – não abra muito espaço para uma reflexão.

Países tido com desenvolvidos encaram essa situação há mais tempo e, de certa forma, estão melhor preparados para algumas questões relacionadas a essa temática e a Holanda é um exemplo concreto dessa afirmação. O país é apontado como um dos melhores da Europa no sistema de saúde e em decorrência disso seus idosos envelhecem melhor, a base desse sistema em relação aos idosos é garantir que possuam um envelhecimento saudável e ativo. Promovendo assim o estabelecimento da independência e que o idoso seja o foco principal das ações e não o seu cuidado e tratamentos médicos.

¹ February 1, 2018 (Final estimates), July 1, 2018 (Provisional estimates)

O envolvimento da comunidade na preocupação com esse indivíduo também se apresenta de suma importância, pois auxilia na humanização e compreensão sobre essa etapa da vida, outra característica desse plano de saúde é a distribuição de tarefas e fomentação da cooperação entre os vários envolvidos na ação de cuidar dos idosos.² Todos esses elementos estimulados pelas políticas públicas podem ser compreendidos como medidas de adequação ao cenário demográfico formado.

Uma característica do envelhecimento humano é o desgaste do corpo e o detrimento de algumas capacidades mentais, mas quando cito a parte mental não se deve presumir uma incapacidade e sim um ritmo diferenciado em comparação aos anos anteriores. O grupo que se situa na faixa etária superior a 60 anos acaba sendo mais suscetível a alguns tipos de doenças e a realização de atividades tidas como básicas apresentam-se como reais obstáculos à vida cotidiana. Com o continuo passar do tempo esses elementos tornam-se mais presentes e danosos a esses indivíduos, doenças como hipertensão arterial, câncer de reto e pulmão, doenças pulmonares obstrutivas crônicas e diabetes tipo II são mais frequentes em pessoas idosas – a maioria delas são decorrentes do estilo de vida desses indivíduos e sendo assim são mais difíceis de serem curadas ou combatidas – pois se entrelaçam a hábitos constituídos ao longo da vida, como o consumo de cigarro e dietas alimentares ricas em gordura. Em sentido locomotor há também o surgimento de certa limitação, com o passar dos anos atividades como subir escadas, ir ao banheiro e manter-se de pé perdem a sua simplicidade de realização e necessitam de mais tempo e energia para serem realizadas. Dessa forma a dificuldade encontrada pelos idosos pode ser remediada de duas formas: desenvolve-se com eles métodos e mecanismos para a realização de suas tarefas de maneira autônoma ou, em casos mais recorrentes, designam-lhe um indivíduo que será responsável – totalmente ou parcialmente – por exercer um suporte ou cuidado para com suas atividades.

O estudo sobre a vida privada auxilia numa melhor compreensão de assuntos que envolvam o âmbito familiar, conhecer o histórico e as especificidades das famílias são imprescindíveis para a análise das tomadas de decisões que envolvam a participação de todos os membros familiares. O caso que será abordado nesse trabalho é em relação ao cuidado e a reorganização familiar originado pela necessidade do idoso de alguma forma de cuidado. Nas ciências humanas há uma multiplicidade considerável de variáveis e cada

² <http://www2.camara.leg.br/camaranoticias/radio/materias/REPORTAGEM-ESPECIAL/528194-ENVELHECIMENTO-HOLANDA,-O-MELHOR-PAIS-DO-MUNDO-PARA-OS-IDOSOS-BLOCO-4.html>

uma possui seu papel de relevância e influência diante das ações dos indivíduos, mas para fins mais objetivos e que ainda consigam explicar a dinâmica desse fenômeno as variáveis de gênero, participação econômica e dinâmica familiar serão as mais utilizadas e analisadas.

A família entra com um papel de juiz no momento de decidir de que forma e quem executará a tarefa de cuidar do idoso. Uma forma de configuração familiar é a do tipo nuclear que tem por formação básica dois indivíduos essenciais, sendo um deles o pai – aquele que provém o sustento dos integrantes – e a mãe, a responsável pela administração interna e pelo cuidado (FONTANA, 2002, p.36). Essa organização é baseada numa concepção burguesa que ainda perpassa a atualidade, mas que constantemente é motivo de debates e formulações. Para Durkheim a família conjugal seria o exemplo da contemporaneidade, essa família seria formada pelo Pai, Mãe e Filhos menores celibatários (SOUTO, 2005, p.21). E enquanto esse modelo familiar continua em vigência todo e qualquer tipo de cuidado de um membro ou parente próximo recairia sobre os seguintes indivíduos: aqueles que tivessem maiores condições de sustento e prestação com o necessitado, maior grau de parentesco, uma maior simpatia com o indivíduo. Porém nesse modelo o parâmetro para indivíduos responsáveis pelo idoso sempre recai sobre os homens, mas na realidade quem realiza a tarefa são as mulheres da família nuclear a qual o idoso será direcionado, sendo assim as mulheres são interpretadas mais como um adicional do homem responsável do que como um agente possuidor de motivações e interesses próprios.

Em famílias mais afortunadas é possível delegar esse papel a um terceirizado remunerado, mas no caso de grupos com menor renda cabe a um membro da família essa tarefa. Mulheres são as mais propícias a ter esse papel nas mãos, se são solteiras e se não estão trabalhando formalmente – para contribuir de forma financeira para o seio familiar – é praticamente uma certeza que terão que realizar essa tarefa. A forma como a escolha dos cuidadores, no caso das cuidadoras, acaba sendo feita mostra como há uma relutância em alterar alguns papéis atribuídos aos indivíduos no âmbito familiar. Todos os agentes acabam por delegar a tarefa a um indivíduo específico e a opção de escolha desse que recebe tal dever é extremamente reduzida, para não citar a sua inexistência.

Compreender como esse processo ocorre através da ótica da cuidadora é perceber como a família utiliza certas estratégias e métodos para garantir que ela execute a tarefa,

mas que de forma alguma receba-a como uma obrigação e sim como um dever moral. Incumbir um indivíduo com essa tarefa significa a manutenção do equilíbrio e da harmonia familiar, mesmo que o interesse de um agente seja desconsiderado. Essa situação se manteve durante certos momentos e contextos, já que o papel atribuído a mulher – e principalmente à mãe – era o de providenciar e realizar a atividade de cuidado, mas o futuro apresentou novos cenários, mentalidades, necessidades e valores que contribuiu para uma nova compreensão da realidade e sobre todos os indivíduos que atuam nela. A gradual saída das mulheres do âmbito privado e adentramento no âmbito público foi responsável por permitir uma análise sobre papéis sociais culturalmente atribuídos. Essa saída foi surgindo com a entrada no mercado de trabalho formal e remunerado aliado com valores como individualismo, liberdade e autossatisfação. Vale ressaltar que a instrução escolar não somente veio sendo construído como um direito e sim como um responsável pela ascensão social além de promover o desenvolvimento da argumentação, crítica e movimentação social. Sendo assim dificilmente as mulheres aceitam as obrigações que lhes são impostas, pelo menos não com a mesma facilidade em relação há anos atrás. Como a família atua e se organiza para que elas continuem realizando a tarefa de cuidado é perceber que mesmo na atualidade o peso de papéis sociais ainda atuam de maneira contundente nos indivíduos e que esse sistema de obrigações corre o risco de ruir, pois a insatisfação e o cansaço são presentes nesses agentes.

As novas formas de organização do ambiente familiar acabam trazendo consigo algumas mudanças antes inimaginadas, alguns exemplos são em relação aos domicílios que possuem mulheres como chefes é de aproximadamente 28.614.895 (IBGE/PNAD, 2015), domicílios constituídos por casais homossexuais aproximam-se de 60.000 (IBGE, 2010), entre outros. Essa realidade ajuda na reflexão sobre papéis sociais e a possibilidade de transgredi-los, dessa forma os indivíduos veem assim a possibilidade de negar ou de não se submeterem mais a realização de tarefas e de agir de maneira que não lhes interessa ou os motiva. No caso das cuidadoras de idosos que são parentes do necessitado há o questionamento por quais motivos ela ficou responsável por tal trabalho e como o restante da família concebe essa situação.

Compreender a realidade das cuidadoras e como foram inseridas exige mais do que uma análise externa e das instituições sociais que atuam sobre os indivíduos. É necessário entender como esse indivíduo se enxerga, como são as suas relações com o

restante da família e principalmente com aquele sobre a qual ela exerce a atividade de cuidado, além de que suas necessidades e anseios para o futuro devem ser levados como objetos de análise. Na realização do cuidado com um parente há mais elementos do que somente a obrigação e o amor com aqueles que um dia já foram de extrema importância para a estrutura familiar. Esses aspectos são dependentes um do outro e jamais um deve se sobressair, todos atuam de formas decisivas diante da vida dos envolvidos.

Na atualidade é importante levar em conta qual é a construção social sobre a representação do idoso e da velhice, dessa forma pode-se compreender como as profissões relacionadas com esse grupo podem ser caracterizadas e recepcionadas socialmente.

2 – Metodologia

A seguinte pesquisa possui um caráter exploratório e descritivo, pois almeja lançar um maior entendimento sobre as relações familiares e a ação de cuidado com um familiar idoso. Sendo assim através de uma bibliografia baseada na sociologia do trabalho, nas relações e ações de cuidado foi possível compreender como as situações que ocorrem no âmbito privado atuam sobre a vida de todos os envolvidos.

A relação entre o campo do trabalho com o campo familiar teve como embasamento a produção de autores como Durkheim – sua concepção de Divisão, Solidariedade, Família Nuclear -, Dejours (2004) – que para compreender o indivíduo é necessário conhecer o trabalho que esse realiza – e de Camarano (2016) – que traça todo o cenário do envelhecimento e do idoso no Brasil. Deixar em evidência esses autores nesse momento é uma forma de expressar como suas obras foram de primordial importância para a concepção e desenvolvimento da pesquisa.

Trata-se de uma pesquisa qualitativa em que, certamente, o foco é analisar as relações e dinâmicas existentes entre os indivíduos e o meio. Os sentimentos expressados são importantíssimos e a sua quantificação não é algo possível, e muito menos desejável. Os dados estatísticos foram utilizados de forma que fosse possível expor o cenário atual no que tange o envelhecimento, a economia desse campo e sobre a conjuntura do ambiente familiar brasileiro. Não há uma pretensão em traduzir através de números os relatos coletados.

2.1 - Definição da Amostra

A escolha da localidade de onde se coletaria os dados foi definido a partir de uma ideia de retorno intelectual. Quando se adentra à uma Universidade Federal lida-se com diversas áreas de atuação e pesquisa - sendo que elas podem ser coletadas das mais diversas localidades - e durante a concepção da minha pesquisa e visualização da concepção da pesquisa de colegas percebia como o Distrito Federal sempre aparecia como o centro de estudos e enfoques. Mesmo quando havia o foco em regiões marginalizadas ou longe do centro esses locais ainda pertenciam ao DF e um interesse pelos locais ainda mais marginalizados, como as cidades do Entorno do DF, permanecia baixo. Como maior

parte da minha vida fui educado – por meus pais e pela escola – nas cidades do Entorno Sul do DF sentia a necessidade de trazer alguma forma de retorno por todo esse período. Sendo assim decidi que estudar sobre um tema que me interessa e ter minha cidade como base de coleta seria uma forma de desenvolver ambos. Além de que produzir conhecimento sobre áreas poucos estudadas podem e devem auxiliar em pesquisas futuras ou até mesmo fomentar o interesse por essas localidades.

Cidade Ocidental é um município localizado no Estado de Goiás que atualmente possui aproximadamente 70.000 habitantes (IBGE, 2008). Uma característica interessante desse município é que pode ser caracterizada como uma ‘cidade dormitório’, ou seja, uma localidade que por conveniência - e necessidade – seus habitantes tramitam diariamente para outra cidade para trabalhar e para a resolução de questões burocráticas. Ainda nesse ponto temos em mente que uma cidade dormitório é um subúrbio, ou seja, uma localidade que circunda um centro urbano e que participa da sua realidade. Sua existência dá-se pelos altos valores característicos de grandes centros urbanos e com toda a especulação imobiliária, dessa forma as classes com rendas menores tendem a ocupar regiões e cidade onde o padrão de vida e vivência sejam mais acessíveis. Tendo isso em mente grande parte da mão de obra ativa não se estabelece no município na maior parte do dia, enquanto que aqueles tidos como inativos economicamente na atualidade permanecem. Importante ressaltar também que a escolha da Cidade Ocidental é devida uma maior proximidade do pesquisador com os moradores, fato que facilitou no desenvolvimento da pesquisa.

Para a execução e coleta de dados foi definido que uma amostragem não probabilística de caráter intencional seria de maior viabilidade para a concretização da pesquisa. Pois já existia um perfil específico a ser procurado, sendo assim uma pesquisa de amostragem probabilística não surtiria o efeito desejado. O perfil procurado seria de indivíduos – independente do gênero – que foram encarregados de realizarem a ação de cuidado para com um familiar idoso.

Dessa forma inicialmente a procura por tais indivíduos deu-se por frequentar locais em que provavelmente tais indivíduos frequentariam. A Associação dos Moradores de Cidade Ocidental (AMCO), centros religiosos e conversar com líderes religiosos locais, visitas aos postos de saúde de cada localidade e, por fim, a busca informal por meio de amigos próximos que poderiam conhecer alguém que se enquadrasse nesse perfil.

A AMCO propõe atividades voltadas a todas as faixas etárias e assim havia a probabilidade de idosos frequentarem, dessa forma estariam acompanhados de alguém para auxiliar na locomoção e exercício das atividades oferecidas. Percebi que os idosos que frequentavam tal local ainda possuíam certa autonomia e independência e uma parcela considerável chegavam sozinhos ao ambiente. Centros e líderes religiosos são exemplos de como a religião funciona como uma ferramenta de refúgio e paz com os seus adeptos, o perfil procurado nessa pesquisa possui consigo uma alta carga de atribuições que acabam lhe causando uma enorme fadiga, principalmente mental. A dedicação de tempo para com o meio religioso é uma das poucas possibilidades de pausar a ação de cuidado sem trazer consigo nenhum julgamento por parte do meio externo e da família. Um exemplo: uma cuidadora familiar pode ir à igreja e dedicar algumas horas para si sem isso acarretar uma visão negativa por parte dos familiares e até mesmo vizinhos, mas se essa dedicação fosse dada a outra atividade – principalmente de lazer - haveria assim um pensamento recriminatório por parte daqueles que convivem com ela. Conversar com os líderes e realizar visitas pontuais a centros religiosos – sempre deixando evidente meus reais interesses - auxiliou de maneira eficaz no contato inicial e aproximação com alguns indivíduos.

Atualmente no Brasil há uma política pública denominada Estratégia Saúde da Família.

A Estratégia Saúde da Família (ESF) visa à reorganização da atenção básica no País, de acordo com os preceitos do Sistema Único de Saúde, e é tida pelo Ministério da Saúde e gestores estaduais e municipais como estratégia de expansão, qualificação e consolidação da atenção básica por favorecer uma reorientação do processo de trabalho com maior potencial de aprofundar os princípios, diretrizes e fundamentos da atenção básica, de ampliar a resolutividade e impacto na situação de saúde das pessoas e coletividades, além de propiciar uma importante relação custo-efetividade (BRASIL, Ministério da Saúde).

Tal proposta assume nos postos de saúde o poder de compor uma equipe formada por médicos, enfermeiros, técnicos em enfermagem, auxiliar de enfermagem e agentes comunitários que tem por responsabilidade prestar serviços a um determinado grupo de indivíduos de uma localidade – geralmente cada grupo é responsável por 4000 pessoas. Alguns membros desse grupo ou de outras iniciativas médicas tem por hábito visitar

algumas residências e/ou conhecer pelo próprio convívio no posto muitos indivíduos idosos e, conseqüentemente, aqueles que lhe auxiliam em suas tarefas e rotina. Porém essa forma de conhecer o perfil de participantes desejados não apresentou muita efetividade, pois o ambiente do posto de saúde não era o mais confortável para uma apresentação ou desenvolvimento de uma entrevista e o acesso a casa desses indivíduos por intermédio de um agente ou funcionário ligado a saúde causava um desconforto nos entrevistados. Aparentemente esses se sentiam obrigados a participar devido ao intermediador – o agente de saúde – entre o entrevistado e o entrevistador. Por mais que obtivesse muito acesso a nomes e endereços, a participação voluntária estaria prejudicada.

Por fim, a melhor estratégia de coleta de prováveis indivíduos dispostos a cederem uma entrevista de maneira totalmente voluntária apresentou-se através de uma forma de *networking*. Possuir um mediador próximo a esses indivíduos facilitou de maneira exponencial a aproximação e compromisso com a atividade. Nos casos analisados e coletados os mediadores entre os envolvidos possuíam uma certa familiaridade e convívio com os entrevistados, caso que facilitou até a recepção do entrevistador. O sistema de bola de neve também foi utilizado em um caso.

Apesar de suas limitações, a amostragem em bola de neve pode ser útil para pesquisar grupos difíceis de serem acessados ou estudados, bem como quando não há precisão sobre sua quantidade. Além disso, esse tipo específico de amostragem também é útil para estudar questões delicadas, de âmbito privado e, portanto, que requer o conhecimento das pessoas pertencentes ao grupo ou reconhecidos por estas para localizar informantes para estudo (VINUTO, 2014, p. 203-220).

A coleta inicialmente por contatos próximos e posteriormente pela bola de neve mostrou-se de grande ajuda pois eliminou dois problemas já enfrentados, um deles é que aumentou o número de casos que possuem o perfil desejado e o outro de que concretizou uma melhor recepção ao entrevistador e às perguntas que fiz durante a entrevista.

2.2 – Técnica e Procedimentos de Coleta

A técnica escolhida para a obtenção dos dados necessários foi a entrevista semiestruturada. A escolha da entrevista deu-se por dois motivos principais: a primeira é

que permite uma análise de comportamento diante das perguntas feitas, a transformação dos relatos em uma provável conversa entre dois indivíduos e não um jogo de perguntas-e-respostas e, claro, a possibilidade de se expressar – por parte do que responde – de maneira mais informal (DIAS & OMOTE, 1995, pp. 93-96). A outra é que garante a resposta às perguntas, no caso de um questionário há a grande possibilidade de não se responder. Uma das vantagens de se utilizar a entrevista semiestruturada nessa pesquisa é a possibilidade de permitir momentos de empatia e localizar assim questões mais sensíveis no respondente. Diante disso muda-se de tópico ou até mesmo um momento de confortá-la diante da situação. Um exemplo de situação que pode ocorrer – e no caso, ocorreu – durante uma entrevista é o distanciamento do tema inicialmente proposto e a divagação sobre outros temas. É uma situação que pode prejudicar, mas que também pode acrescentar de maneira expressiva a participação e envolvimento do respondente com o momento.

Ressaltando mais um elemento e dado que a entrevista semiestruturada permite é a flexibilização e adequação com a situação que surge, como já citado acima, se um tema é muito sensível pode-se adequar-se e assim continuar com o andamento da técnica e evita-se assim uma situação constrangedora e/ou inadequada. Conhecemos assim o entrevistado de maneira mais profundo – e me arrisco a afirmar que de maneira até mais humana. Também, mas que será citado posteriormente, é possível observar que essa técnica pode originar no entrevistado uma série de questionamentos – antes não pensados – devido as perguntas e situações propostas nas entrevistas. Por último, mas extremamente importante é que a entrevista permitiu traçar um perfil sociodemográfico com perguntas objetivas, como idade, gênero, renda familiar e individual, raça, religião e que nesse momento já se abria espaço para mais perguntas e até para se compreender as respostas posteriores.

O procedimento de coleta deu-se primeiramente pelo interesse do entrevistado de participar da entrevista e de ter sua voz gravada. Foi explicado que o motivo da gravação era para uma melhor análise e transcrição das informações que seriam reveladas, assim como também foi acordado que a identidade jamais seria publicada e que o sigilo era essencial importância. Sendo assim no dia, hora e local marcado - pelo entrevistado – ocorreram as entrevistas. As entrevistas ocorreram na casa do entrevistado, devido a sua indisponibilidade de deixar seu ofício, e em todos os casos ocorreram com a presença – próxima ou em outros cômodos – de familiares. Além de que os finais de semana

apareciam como os mais selecionados para a realização, esse aparecendo como um momento em que haveria outras pessoas na casa e assim haveria a possibilidade de uma maior atenção e entrega da ação de cuidado para outro membro (ALVES e SILVA,1992, p.61-69). Ao todo foram entrevistadas sete cuidadoras familiares distribuídas por diferentes bairros de Cidade Ocidental, como Ocidental Parque, Centro, Jardim ABC, Comunidade Quilombola do Mesquita e o período das entrevistas foi entre 7 de setembro até 03 outubro.

2.3 – Técnica e Procedimentos de Análise

A entrevista é uma técnica interessante de ser utilizada para uma análise mais subjetiva e qualitativa. A indução faz parte desse método, mas que tem que ter por plano de fundo a lealdade com a situação específica lidada, ou seja, se deve reconhecer as especificidades de cada indivíduo e ainda assim utilizar o método científico que embasa o conhecimento e dados ali observados e coletados. Para Gomes (1990) o entrevistador não deve agir intuitivamente na análise qualitativa e que jamais deve perder o contato com a realidade, sempre tendo uma base teórica tanto para se embasar quanto para criticar.

Tendo como base a obra *A Construção do Saber* (1999) - de Lavee e Dionne - a análise de dados deu-se através de uma seguinte organização, pega-se o conteúdo coletado e o desmembra para organiza-lo por categorias. Algo que facilita uma melhor compreensão e entende-se as nuances de cada resposta. Assim é possível analisar pequenos trechos e realizar inferências sobre cada parte, além de observar como a integração entre todas as categorias formam o plano de fundo – a vivência – de cada entrevistado.

Algumas das categorias criadas de acordo com o objetivo almejado pela entrevista foram: traçar um perfil socioeconômico, conhecimento sobre o cuidado, estrutura familiar nuclear e mais ampla, relacionamentos familiares anteriormente e posteriormente à ação de cuidado, como esse indivíduo enxerga essa atividade e a si mesmo, o contexto que o levou a esse labor e perspectivas para o futuro. Essas categorias moldaram as perguntas elaboradas e acabaram por guiar toda a entrevista.

Foi utilizado durante a entrevista um gravador para o auxílio futuro das análises, sendo que durante todo o momento foi prezado que o entrevistado falasse livremente sobre as perguntas feitas e jamais cortando suas falas. Avistando essa situação ficaria inviável contar somente com a agilidade de escrita do entrevistador. Após as entrevistas serem feitas o primeiro passo para a análise foi a transcrição literal de trechos específicos e que se adequassem diretamente as perguntas realizadas, mas sempre analisando todo o conjunto do discurso. Dessa forma foi possível realizar uma diferenciação de respostas e categorias de maneira mais contundente. Posteriormente houve a realização de uma análise desses trechos para atribuírem-lhe significação e determinar assim os pontos principais (LAVILLE E DIONNE, 1999, p.214-223).

3 – Envelhecimento

3.1 – Definição e o Processo no Brasil

Citado por Beauvoir, o gerontologista Lasings define o envelhecimento da seguinte forma: “Um processo progressivo de mudança desfavorável, geralmente ligado à passagem do tempo, tornando-se aparente depois da maturidade e desembocando invariavelmente na morte” (2018, p.15). Não é impossível afirmar que essa mentalidade ainda persiste na atualidade, a compreensão sobre a velhice é muito associada à invalidez e incapacidade. O desgaste físico é o maior espelho social sobre esses indivíduos, mesmo que mentalmente se mantenham ativos o imaginário perpetuado tende a manter-se. Cria-se assim por parte das estruturas dominantes transformarem tais em não-indivíduos, retiram-lhe a voz e, conseqüentemente, a autonomia. Essa retirada é altamente ligada ao decréscimo de sua força econômica, ao desgaste físico e mental e por conseqüência há o decréscimo de acesso e reivindicação de direitos.

Para Beauvoir, na obra *A Velhice*, a velhice não é somente um momento definido pela faixa etária do agente e sim toda uma concepção cultural sobre a sua significação. Para compreender a velhice seria necessário analisar dois aspectos, uma delas do ponto de vista mais externo – biologia, antropologia, história, sociologia – e um mais interno – como o indivíduo enxerga e concebe a si mesmo, além da sua relação com o tempo e o próprio corpo. Interessante ter em mente que esses dois modos de análises compactuam e se estruturam conjuntamente, assim como as questões psicológicas e fisiológicas. Compreender como a velhice e esses indivíduos são caracterizados é um grande indicador dos valores da sociedade analisada.

“Mas se a velhice, enquanto destino biológico, é uma realidade que transcende a história, não é menos verdade que este destino é vivido de maneira variável segundo o contexto social; inversamente: o sentido ou o não sentido de que se reveste a velhice no seio de uma sociedade coloca toda essa sociedade em questão, uma vez que, através dela, desvenda-se o sentido ou o não sentido de qualquer vida anterior.” (Beauvoir, 2018, p.14)

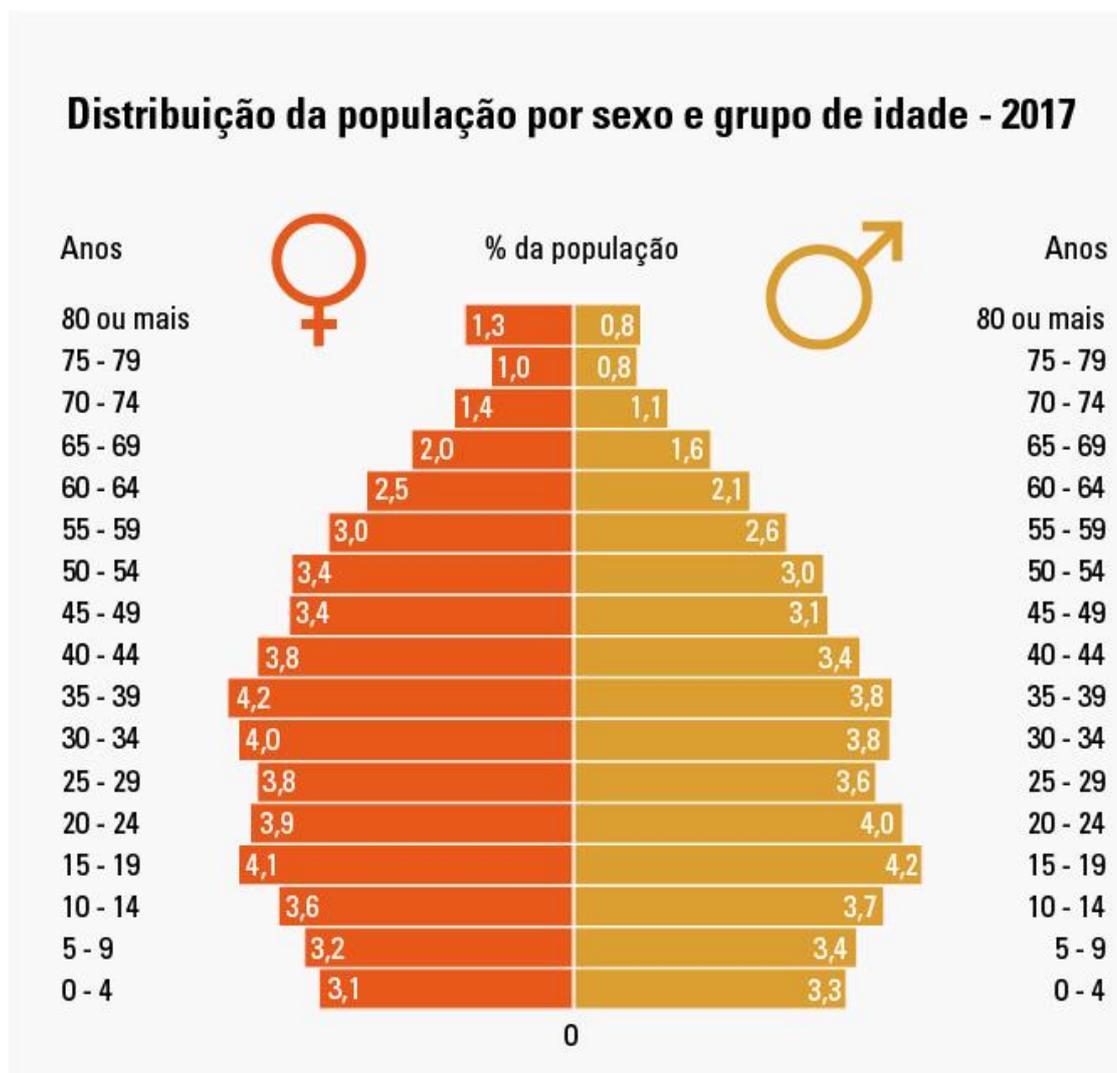
A velhice, em termos mais práticos, seria o resultado da longevidade dos indivíduos, sendo assim quanto maior for a expectativa de vida maior será a probabilidade

de alcançá-la. A expectativa de vida é um número de anos que um indivíduo poderá viver, tendo em mente que variáveis como classe social, renda, raça, gênero, acesso à saúde e educação são de extrema importância para a confiabilidade e exatidão desse número. Nos países em desenvolvimento - de acordo com o relatório técnico “Previsões sobre a população mundial” elaborado pela Organização das Nações Unidas – a expectativa de vida dos homens está em aproximadamente 62,1 anos e das mulheres em 65,2 anos – sendo essa consideração feita em 2007 -, enquanto que as previsões para 2050 seriam de 82 anos e 86 anos. Um aumento expressivo e considerável tendo em vista o curto período de tempo no qual isso pode se confirmar (FELIX, 2007, p.2). Se há um decréscimo nas taxas de mortalidade e nas taxas de natalidade a consequência disso será um aumento considerável no número de idosos e o Brasil é um exemplo de país que experimenta esse processo de forma acelerada, a década de 60 foi o ápice da fecundidade na realidade brasileira com uma média de 6,3 filhos por mulher (PNAD, 2006).

Após esse momento tal indicador entrou em decadência anos após anos, 1960 – 6,3 filhos; 1970 – 5,8 filhos; 1980 – 4,4 filhos; 1991 – 2,9 filhos; 2000 – 2,3 filhos; 2006 – 2,0 filhos e recentemente 2014 com 1,74 filhos (PNAD, 2006)(PNAD, 2015). A explicação para esse evento pode ser constatada pela entrada das mulheres no mercado de trabalho, um foco e maior interesse na autorrealização - podendo esse ser alcançado através de uma maior permanência no ambiente escolar - e a ressignificação do papel e função do casamento na vida dos envolvidos. Nesse cenário há elementos necessários para o surgimento de conflitos, sendo um deles entre qual ambiente os indivíduos devem pertencer e se dedicar, no caso deve-se escolher entre manter-se na esfera privada e assumir o papel de zeladora do lar e de seus familiares ou de partir para a esfera pública e lidar com uma dupla jornada e a pressão social.

Avanços tecnológicos, médicos e políticos voltados para a saúde pública são elementos decisivos para o aumento da longevidade: uma medicina preventiva, o aumento da qualidade de vida, esforços e medidas para o decréscimo de mortes prematuras – pré-natais, Teste do Pezinho – acesso a uma nutrição mais adequada ou o seu simples acesso, saneamento básico, disponibilidade de água tratada, vacinas e antibióticos. No Brasil é possível perceber como esse grupo – de 60 anos ou mais – vem crescendo significativamente ao longo das últimas décadas. Para se ter uma noção em 1991 a porcentagem de indivíduos com mais de 60 anos era de aproximadamente 7,3%; em 2006 de 10,2%; enquanto que na atualidade esse número é próximo de 14,4%. Ou seja, em 25

anos esse número dobrou e as expectativas para 2050 é que esse número dobre novamente (Pesquisa Tábua da Vida, IBGE, 2005)(PNAD, 2016).



Fonte: IBGE – PNAD Contínua – Características de domicílios e moradores

Com um crescimento tão expressivo a esfera pública tornou esse assunto como pauta de discussão política, afinal setores econômicos como a previdência social são totalmente relacionados a essa problemática. Um exemplo desse interesse e urgência foi a criação em 1995 de uma comissão especial para a pesquisa sobre o envelhecimento estimulada pelo Governo Federal através da Secretária de Ensino Superior (Sesu/MEC).

Porém é de extrema importância perceber como a esfera pública vem lidando e agindo em relação a essa realidade. O Artigo 229 da Constituição Federal de 1988 pode expressar um pouco disso: “Os pais têm o dever de assistir, criar e educar os filhos menores, e os filhos maiores têm o dever de ajudar e amparar os pais na velhice, carência

ou enfermidade.” (BRASIL, 1988). Essa pode ser considerada uma das maiores heranças deixadas pela família conjugal representada por Durkheim, a obrigação eterna de pais com os filhos e vice-versa, alimentar os pais em caso de doenças e/ou velhice e o fato dos filhos nunca poderem ser totalmente deserdados – pelo menos no âmbito legal. A Política Nacional do Idoso também é um indicio que essa questão está sendo trabalhada e demonstra que a velhice vai distanciando-se progressivamente do espaço privado e caminha à esfera pública. Entretanto dessa forma acaba-se criando instrumentos que vitimam o idoso e colocam a família na posição de réu, ocorrendo assim uma judicialização das relações sociais, e nesse caso as relações familiares (SANTOS & RIFIOTIS, 2004). A parceria harmônica público-privada deve ser uma meta a ser alcançada nessa questão e o extermínio da concepção de idoso inativo é vital para uma mudança, mas não é uma tarefa específica brasileira mudar esse imaginário.

“Os países desenvolvidos enriqueceram e depois envelheceram. Nós, como todos os países pobres, estamos envelhecendo antes de enriquecer. Eles tiveram recursos e tempo. A França levou 115 anos para dobrar de 7% para 14% a proporção de idosos na população. O Brasil vai fazer o mesmo em 19 anos. Uma geração. Eles levaram seis.” (Felix, 2007)

Países que tiveram mais tempo para lidar com essa realidade utilizam de seus recursos para moldar um novo agente e assim a mentalidade de idoso ativo é uma realidade. Compreenderam que não é possível descartar uma mão de obra no cenário atual e através de políticas que atrasam a aposentadoria e em que se aumenta a qualidade de vida é possível garantir a permanência desse grupo no mercado de trabalho por mais tempo. A educação entra com um papel muito importante, pois afeta as condições de saúde, a participação no mercado de trabalho e nos rendimentos recebidos, além de um melhor conhecimento da esfera pública e compreensão dos direitos com o idoso (CAMARANO, KANSO, FERNANDES, 2016).

3.2 – Pobreza, Fragilidade e Família

Uma grande constatação que vem acompanhada da velhice é a pobreza. Claro que não exponho a oração acima como uma verdade geral e absoluta, mas esses apresentam-se de forma conjunta. Em grande parte, se não numa maioria, a aposentadoria

recebida é um valor inferior ao que se costuma receber enquanto cidadão ativo e esse choque causa consequências relevantes na vida do aposentado. Um dos maiores choques são os gastos com remédios e questões hospitalares já que nesse momento tendem a ser mais constantes e necessários. Tanto de maneira preventiva quanto para tratamentos esse dispêndio consome uma parte significativa das aposentadorias e rendas extras dos idosos. Aliado a essa situação de maior fragilidade econômica entra em jogo a fragilidade física. Com a degeneração do corpo e até de algumas capacidades mentais esses idosos acabam por ficarem mais dependentes e assim encontram-se num novo contexto social: deixam de ser ativos e independentes e passam a serem assistidos e submissos.

A fragilidade é uma das concepções mais recorrentes sobre o idoso e que somente nas últimas décadas surgiu estratégias para alterar essa visão. Sabe-se que com o passar do tempo e a maior prevalência da velhice o indivíduo perde um pouco da sua capacidade de adaptação e fica mais vulnerável a questões internas e externas, mas esse processo não deve ser encarado como uma sentença de morte. Com o aumento da relação entre os campos médicos e sociais o prolongamento etário vem acompanhado de uma boa qualidade de vida e maior atividade. Mas ainda assim persiste na atualidade uma visão de fragilidade e dependência sobre idosos, isso pode ser devido a algumas razões.

“Estudos afirmam que a fragilidade no idoso caracteriza-se pela presença de sinais e sintomas como perda de peso não intencional (5kg nos últimos cinco anos), autorrelato de fadiga, diminuição da força de preensão, redução das atividades físicas, diminuição na velocidade da marcha (lentidão) e diminuição das relações sociais. ” (LANA, SCHNEIDER, 2014, p. 673-680)

Importante ressaltar que essa fragilidade também é relacionada com fatores e convivências sociais. Idosos são indivíduos que possuem uma forte tendência a se isolarem, mas nem sempre por vontade própria. Com o avanço da velhice esses indivíduos reduzem a sua participação na sociedade e a partir disso surge uma marginalização, os maiores fatores que os levam a esse isolamento – e que origina o sentimento de solidão – estão relacionados ao fraco estado física, a morte do companheiro (a), falta de amigos, insuficiência financeira. A perda desses elementos é diretamente ligada com valores e com a própria identidade. A família pode catalisar esse processo e enquanto pensa que o ajuda, na realidade coloca-o de lado e atende somente com o essencial – um exemplo que cito é em relação a retirar dos idosos momentos de lazer pois envolve um dispêndio de tempo e energia dos cuidadores. E o ambiente também atua nesse processo pois as

mudanças – em aspectos tecnológicos, comportamentais, econômicos – ocorrem de maneira tão rápida e constante que aparentemente esses indivíduos não encontram espaço e tempo suficiente para adequar-se (TEIXEIRA, 2010, pp. 4-7).

A fragilidade pode se apresentar em qualquer faixa etária, mas quando essa é relacionada com o envelhecimento apresenta um novo contexto, como já exposto acima é caracterizado como uma baixa capacidade de adaptação, diminuição da reserva de energia e vitalidade e uma maior disposição a doenças. Há formas de se quantificar a fragilidade de idosos e mais abrangente é a Escala de Fragilidade de Edmonton.

“A EFE é considerada um instrumento mais complexo, pois é constituída de nove domínios que evidenciam, com maior nitidez, a fragilidade no idoso, que são: cognição, estado geral de saúde, independência funcional, suporte social, uso de medicamentos, nutrição, humor, continência e desempenho funcional. ” (LANA, SCHNEIDER, 2014, p. 673-680)

O Estado Brasileiro atua com certa seletividade sobre os serviços prestados aos idosos e sobre a sua fragilidade, acabam possuindo uma visão muito objetiva e imediatista sobre essa população e suas necessidades. As ações do Governo Federal em sua maioria consistem em serviços específicos – médicos geriátricos – e no provimento de uma renda para a subsistência. Obviamente há políticas públicas para uma modificação desse cenário, mas a ação ainda é incipiente e não muito satisfatória.

A família nesse momento assume um caráter de ‘dono’ sobre aquele que não é mais apto a tomar conta de si ou de administrar e trabalhar para cessar seus próprios desejos e necessidades. Interessante observar como toda a dinâmica familiar é alterada quando essa situação se confirma e se estabelece: o antigo patriarca/matriarca torna-se um objeto que perde a voz e tem seus interesses abafados.

“É de maneira dissimulada que o adulto tiraniza o velho que depende dele. Não usa abertamente dar-lhe ordens, pois não tem direito à sua obediência: evita atacá-lo de frente, manobra-o. Na verdade, alega o interesse do ancião. A família inteira se torna cúmplice. Mina-se a resistência do ancião, oprimindo-o com cuidados exagerados que o paralisam, tratando-o com uma benevolência irônica, falando-lhe em linguagem infantil e até mesmo trocando, por trás dele, olhares de entendimento e deixando escapar palavras ferinas. Se a persuasão e a astúcia fracassam em fazê-lo ceder, não se hesita em mentir-lhe ou em recorrer a um golpe de força. ” (BEAUVIOR, 2018, p.229)

O idoso torna-se assim um membro familiar sem qualquer participação relevante e cabe aos demais decidirem sobre e por ele. Vários membros familiares podem ser vítimas de um silenciamento, como a mulher e a criança, mas ainda assim esses possuem papéis que acarretam um mínimo de prestígio e importância para a dinâmica familiar.

No caso das crianças mesmo que essas estejam a mercê das escolhas dos pais, eles – os pais – sabem da importância que esse agente pode exercer no futuro. Atuando desde mantenedores principais até em momentos de suporte, sendo assim mantê-las de forma zelosa é oportuno, enquanto que com idosos a morte seria seu único futuro – além de ser um memorando constante de gastos.

Assim sendo o idoso possui um papel na organização familiar, mas esse pode ser construído e alterado de acordo com as dinâmicas anteriores ao envelhecimento. Um exemplo é a participação financeira desse para o todo familiar, caso esse indivíduo ainda possua um montante financeiro considerável é provável que as relações familiares não sejam totalmente de dominação e silenciamento em relação a ele. Afinal esse possui condições de cuidar de si mesmo, sem ser um ‘parasita’ na vida de seus filhos ou familiares menos próximos. A presença de capital molda de maneira significativa as relações entre gerações, além de moldar a qualidade de vida – principalmente de idosos. Indivíduos que pertencem a uma classe mais abastada lidam melhor com a passagem do tempo e com todos os problemas que essa traz consigo, um exemplo é que há a maior chance de esse entrar numa instituição de cuidado com ampla estrutura e diversas tarefas para lhe ocupar a mente e o corpo e, claro, de bancar tratamentos médicos e hospitalares.

3.3 – Ócio e Saúde

Durante toda a vida escolar e laboral dos indivíduos há uma série de tarefas a serem realizadas constantemente e como esses períodos são responsáveis por ocuparem praticamente dois terços de uma vida acostumou-se assim a aceitar a eterna existência de afazeres que exigem uma finalização. A velhice não é um significativo da parada de atividades, mas a aposentadoria é um ilustrativo abrupto da finalização de uma tarefa. Quando essa ocorre surge assim um novo contexto ao qual esses indivíduos precisam adaptar-se e essa adaptação é relacionada tanto com uma nova carga de tempo livre e, principalmente, com o decaimento dos rendimentos financeiros.

Essa combinação pode ser extremamente prejudicial para esse grupo, pois perde-se de uma vez dois elementos: um que forma a sua identidade e outro que garante a sua autonomia. Certamente que outras atividades podem ser realizadas, mas o retorno financeiro pode ser consideravelmente menor e até mesmo a aceitação e absorção do mercado de trabalho com eles pode não ser tão expressiva. A concepção de aposentadoria, numa perspectiva mais generalista, é que esse seria um momento da vida de entrega ao descanso e atividades prazerosas que antes eram inviáveis devido à atividade laboral obrigatória. Esse maior envolvimento com atividades não mais ligadas a realizada anteriormente pode ser visto como um momento de libertação, mas também pode carregar um conflito de identidade e ocasionar assim sentimentos de deslocamento e até mesmo a depressão. De acordo com um estudo realizado em 2013 na Inglaterra pela Institute of Economics Affairs (IEA) a aposentadoria pode elevar em 40% as chances de desenvolvimento de depressão, esse dado é somente mais um ilustrativo de como a saúde mental e a atividade laboral atuam de maneira concomitantes. Um autor que trabalha essa questão com excelência é Christopher Dejours, para ele o ambiente de trabalho não é somente um local de exercer o ofício e sim um complexo conjunto de facetas que atuam no coletivo e no psicológico dos envolvidos. Em sua pesquisa o funcionamento psíquico e a organização social estão em conflito e tal fenômeno gera consequências sobre os trabalhadores: “os trabalhadores não se mostravam passivos em face das exigências e pressões organizacionais, e, sim, capazes de se proteger dos efeitos nefastos à saúde mental.” (ATHAYDE, 2005). Todo o desgaste e sofrimento ocorrido no ambiente de trabalho eram amenizados e combatidos por mecanismos defensivos criados pelo coletivo, ou seja, durante sua pesquisa o autor abordou não a ‘loucura’ gerada pelo trabalho e sim como ela era tratada e abordada pelos trabalhadores. Todo esse processo de amortização é responsável tanto pelo prosseguimento/resistência do trabalho quanto pela garantia da manutenção do equilíbrio psíquico.

“(…) modificação, transformação e, em geral, à eufemização da percepção que os trabalhadores tem da realidade que os faz sofrer. Tudo se passa como se, por fala de poder vencer a rigidez de certas pressões organizacionais irreduzíveis, os trabalhadores conseguissem, graças às suas defesas, minimizar a percepção que eles têm dessas pressões, fontes de sofrimento. (DEJOURS, ABDOUCHELI & JAYET apud SILVA, 2014, p.27)”

Então tendo-se em mente que o trabalhador lida com essa realidade durante todo o período de atividade – e esse período é responsável por praticamente 80% de sua vida

- pode-se constatar que tal evento é parte de sua identidade e componente essencial na sua normalidade. Com a velhice e a aposentadoria o indivíduo desliga-se abruptamente desse contexto e o sentimento de deslocamento apresenta-se na sua nova realidade.

Quanto menos abastadas as classes, maiores são as chances da ausência de um planejamento financeiro e assim há uma maior probabilidade de enfrentamento crítico com questões de saúde mental e física sem o devido tratamento. Nesse aspecto Beauvoir traz na obra *A Velhice* como a classe social e nível econômico atuam nesse campo. Uma de suas exposições durante o estudo é de que proletariados aposentados possuíam poucas formas de lazer que não fossem o consumo de álcool, enquanto que aqueles mais abastados possuíam uma maior gama de atividade prazerosas a realizarem – entre elas a prática de jardinagem, leitura de jornais, ouvir o rádio, frequentar centros de convivência, etc. Porém essas atividades deram-se não após a aposentadoria, mas sim são ações provenientes de processos culturais, costumes e hábitos adquiridos e enraizados ao longo da vida.

Tendo Pierre Bourdieu como um aparato é possível elucidar e compreender de maneira incitante esse evento. Metodologicamente situa que seus conceitos devem ser compreendidos de forma interdependente, na relação de um com o outro, analisa-los de forma isolada é um risco que compromete a estrutura da pesquisa e obra do autor. Tendo isso em mente um de seus conceitos importantes para a utilização nessa pesquisa é o de Capital, para o autor o capital não se restringe a somente uma concepção econômica e sim ‘como todo recurso ou poder que se manifesta em uma atividade social. ‘ (BOURDIEU, 1986). Sendo assim possui conotações econômicas, culturais ou sociais e são responsáveis pela promoção e reprodução da mobilidade social nas sociedades, através dessas formas de capital é possível compreender a organização e até formação de grupos sociais. Interessante ressaltar como a sua teoria e o estudo de estratificação social são complementares, com base em sua pesquisa a desigualdade social não é originado somente pela desigualdade econômica e sim também pelo acesso ou empecilho aos outros tipos de capital e em como esses aspectos podem assumir certa significação dependendo do contexto histórico.

O capital cultural seria uma característica social ligada a uma pessoa, seria a sua forma de comunicar-se, vestir-se, intelecto, a educação recebida e sendo eles responsáveis por promover a mobilidade social. A família seria o primeiro agente a

transmitir esse capital sem a menor perda de tempo e de forma até mesmo inconsciente, todo essa transmissão auxiliara numa melhor aprendizagem e erudição desses indivíduos na posterioridade. A definição de Capital Cultural para o autor seria:

(...) conjunto de recursos atuais ou potenciais que estão ligados à posse de uma rede durável de relações mais ou menos institucionalizadas de interconhecimento e de interreconhecimento ou, em outros termos, à vinculação a um grupo, como conjunto de agentes que não somente são dotados de propriedades comuns (passíveis de serem percebidas pelo observador, pelos outros ou por eles mesmos), mas também são unidos por ligações permanentes e úteis (BOURDIEU, 1998, p. 28).

Esse capital seria altamente compatível com o sucesso no ambiente social capitalista, pois uma melhor ponte com a escola ocasionaria uma melhor sobrevivência e adaptação ao mercado de trabalho e até mesmo a garantia de aceitação no mercado que envolvesse capitais simbólicos – como o casamento. Mas trazendo para o nosso contexto o capital cultural seria o resultado de hábitos adquiridos desde a infância e que se reproduziria por toda a vida, dessa forma todos aqueles que aprenderam a cultivar o costume da leitura, de ouvir o rádio, dedicar-se a outras atividades para satisfações pessoais, realizaram tais atividades mesmo após a aposentadoria. Essas atividades seriam responsáveis por manterem esses indivíduos ativos e o ócio não seria tão frequente e avassalador quanto para aqueles que não acumularam esse capital e em decorrência algumas atividades que ele propicia. Essas atividades mesmo não exigindo grandes esforços físicos e mentais trabalham positivamente sobre a mente e corpo dos idosos pelo simples fato de manterem eles em movimento. A tentativa de impor ou estimular essas ações sobre aqueles que não estão habituados é - em sua maioria - fadada ao fracasso, pois a aceitação diante de novas atividades é um pouco maior com o avanço da idade e o estranhamento com o novo tornam essa nova habituação complicada.

Esses fatores acabam que aumentam o grau de ociosidade desses idosos, nos estudos de Beauvoir (2018) acabou-se constatando que os idosos que moravam sozinhos ou em Casas de Repouso passavam parte considerável do dia trancafiados em seus domicílios ou quartos e dessa forma a saúde tendia a tornar-se mais precária ainda. Esse isolamento também pode ser explicitado pelas constantes mudanças e significativas que ocorrem num mundo globalizado. Exemplos disso são as inovações em etapas de produção em fábricas, o advento das tecnologias – como Internet e até eletrodomésticos

de última geração – que acabam gerando, num primeiro momento, certo estranhamento entre as antigas gerações. Esse estranhamento dependendo da forma em que é trabalhado pode gerar uma total repulsa e medo do novo ou criar um cenário de ambientação para o aprendiz, como na sociedade contemporânea ocidental o idoso é concebido como incapaz todo o meio se encarrega de afastá-lo ainda mais desse novo mundo.

Com essa atitude acaba-se assim separando ainda mais esse indivíduo do seu ambiente, pois lhe retiram a possibilidade de familiarização com o novo e tomam para si a realização de tarefas que poderiam facilmente serem realizadas por eles. Dessa forma acabam por incapacitar de maneira predatória um indivíduo e retroalimentam uma concepção de invalidez, ou seja, a invalidez não é uma consequência imutável da velhice e sim uma decisão coletiva para com os velhos.

“Nos períodos de aprendizagem, as pessoas idosas têm que vencer certas deficiências. Seu nervosismo e ansiedade acarretam lapsos de memória; isso se agrava quando entram em competição com jovens. [...]. Por medo de cometer erros, as pessoas idosas crispam-se numa atitude negativa. [...]. No começo, eles tomam decisões menos rápido que os jovens, e seu tempo de reação é, portanto, mais longo. Mas frequentemente eles ultrapassam essas dificuldades. ”
(BEAUVOIR, 2018, p.244-245)

Com isso em mente a saúde após a velhice pode ser em muito melhorada com somente algumas atitudes e ações básicas, mas a principais seriam de manter esses indivíduos envolvidos ativamente no ambiente social em que vivem e políticas públicas, associadas com mudanças de percepção sobre a velhice, que lhe assegurem a independência e autonomia – mesmo após a aposentadoria.

3.4 – Interesse Internacional e Velhice Ativa

Em partes já citadas o envelhecimento populacional é um evento global, as diferenças que ocorrem são relacionadas ao tempo em que esse processo levou para se concretizar e em relação ao número e porcentagem de idosos no geral populacional. Países europeus, EUA e Japão lidam com essa questão a mais tempo e assim possuem mais experiência e políticas voltadas para esse grupo. A França pode ser tida como o maior exemplo de país que lida com o envelhecimento e que possui na atualidade essa pauta como de extrema importância para o cenário social e, principalmente, econômico.

Habitados com esse fenômeno desde os anos 70 tais países enfrentaram todos os percalços que o envelhecimento desassistido pode ocasionar. Sendo eles a maior chance de desenvolver depressão, abandono familiar e social, isolamento por parte dos idosos em decorrência de todo o cenário que os circunda, desemprego, pobreza, dependência de terceiros, etc., mas de todos esses eventos a de desemprego e aproximação com a linha da pobreza – e com a da miséria também – são as que geram consequências negativas num contexto econômico. Importante ressaltar como o tema da Previdência Social também é uma pauta constantemente levantada quando reformulações econômicas são debatidas, essas sempre aparecem como responsáveis pelo desequilíbrio das contas públicas e geralmente são os alvos principais para as propostas de mudança. Enquanto a França enfrentou e enfrenta essa questão desde 1970, o Brasil tem como pontos de debate esse tema na atualidade. Dessa forma e com a intenção de combater esse fenômeno trabalhou-se com o propósito de reformular e descaracterizar o que é a velhice e o papel do idoso na sociedade contemporânea atual.

Pode-se considerar um marco internacional da preocupação dessa comunidade a Assembleia de Viena em 1982 e que teve como resultado um plano global de ação. Interessante analisar a importância desse evento, pois anteriormente essa pauta era extremamente marginalizada e tratada com certa distância por órgãos como a Organização das Nações Unidas (ONU), Organização Internacional do Trabalho (OIT) e pela Organização Mundial da Saúde (OMS). Os principais pontos desse plano eram garantir a segurança econômica e social da população idosa, pois se sabia que ambos fatores protegem e possibilitam a longevidade e qualidade de vida. Firmar essa garantia para com eles é deixar evidente que essa comunidade se encontra num ponto de vulnerabilidade de toda a cadeia e estrutura econômica e social (CAMARANO, 2016, p.17).

“Dado contexto político econômico e social, assumiu-se que, que por sua ‘vulnerabilidade’, a população idosa deveria sofrer mais as consequências do colonialismo, neocolonialismo, racismo e práticas de apartheid vigentes do momento. Ou seja, a preocupação com a população idosa surgiu como resultado de tendências demográficas bem delimitadas e de uma situação de conflito. No plano global, vivia-se um momento marcado pelas tensões da Guerra Fria e, no regional, predominavam os regimes de exceção.” (CAMARANO, 2016, p.17)

Nesse novo projeto a intenção era moldar o idoso e seu papel, mas sempre deixando todos cientes de suas novas necessidades e quais eram os seus limites. Em 1991

na Assembleia Geral da ONU houve a adoção de princípios relativos à velhice e que podem ser agrupados nos seguintes setores: Independência, Participação, Cuidados, Autorrealização e Dignidade. Nessa divisão é interessante observar como os aspectos relacionados com a autonomia do idoso são muito trabalhados e em grande parte para manter ou, até mesmo, concedê-la.

Essa autonomia pode ser relacionada em diversos aspectos da vida do idoso, tanto na possibilidade de viver com os próprios rendimentos e benefícios até na escolha de roupas para o dia a dia. Grande parte da dependência dos idosos dá-se pela falta de dinheiro, pois os recebimentos da aposentadoria não são suficientes, e na organização social atual o poder de compra e consumo é um dos maiores, se não o maior, indicativo de indivíduo independente. Coube dessa forma aos órgãos internacionais intervirem com políticas que não somente possibilitassem a dignidade e autonomia do idoso, mas sim com soluções em parceria com diversos âmbitos de que as necessidades dos idosos deveriam ser atendidas e que essas agregariam de maneira significativa com a economia.

A Velhice ativa entra nesse contexto no qual o envelhecimento não possuiria assim uma carga e conotação negativa e sim sendo aceita e concebida como mais uma etapa da vida com suas características. Seria uma atribuição da sociedade garantir que idosos possuíssem a autonomia para terem uma vida digna, sendo essa vida preenchida por um envelhecimento saudável. Claramente esse é um processo gradual e que cabe ao meio público e privado ações que possibilitem essa concretização, mas é importante ressaltar como a independência financeira atua diretamente nas demais características do envelhecimento, principalmente nas questões que envolvem a autonomia.

Entretanto há casos e situações que causam invalidez em idosos que poderiam desfrutar de uma velhice ativa, seria o caso de doenças ou incapacidades causadas por acidentes domésticos, Alzheimer, Mal de Parkinson, acidentes vasculares cerebrais, quedas e acidentes de trânsito. Todos eles são males que podem atingir a todos, mas que nesse grupo adquirem um caráter preocupante. Outra situação que é capaz de invalidar seria o de uma velhice mais avançada – de 80 anos ou mais – no qual mesmo com todos os estímulos e políticas públicas a incapacidade é uma probabilidade com altas chances de se concretizar. Nesse novo cenário entra o papel de um agente que tem por função cuidar desse novo indivíduo que necessita de um suporte e auxílio nas atividades básicas para a vivência.

4 – Cuidado

4.1 – O que é Cuidado?

Obter uma definição coesa e aceita por toda a comunidade científica sobre o que pode ser caracterizado como O Cuidado ainda é um processo em andamento, porém é possível trabalhar com algumas ideias já postuladas. Por exemplo, a autora Pascale Molinier traz consigo cinco diferenciações analíticas ou até mesmo cinco descrições de como o cuidado pode ser abordado: "(1) *care* como *gentleness*, (2) *care* como *savoir-faire* discreto, (3) o *care* como trabalho sujo, (4) o *care* como trabalho inestimável, (5) o *care* como narrativa política" (2012, p.30). O campo da enfermagem aparentemente foi o primeiro a se dedicar a uma definição e reflexão sobre o cuidado, sempre o trazendo como um evento da vida cotidiana de qualquer pessoa. Para Leininger podemos fazer duas descrições, uma sobre o que é o cuidado e outra sobre o que é cuidar. "O Cuidado refere-se aqueles atos de assistência, de apoio ou de facilitação para ou pelo outro indivíduo ou grupo, que mostra necessidades evidentes ou antecipadas, a fim de melhorar uma condição ou modo de vida humana" (LEININGER, 1984). Enquanto que o cuidar:

"refere-se às atividades, processos e decisões diretas (ou indiretas) de sustentação e habilidades com relação a assistir as pessoas de tal maneira a refletir atributos comportamentais que são: empáticos, de apoio, de compaixão, protetores, de socorro, de educação e outros, dependentes das necessidades, problemas, valores e metas do indivíduo ou grupo que está sendo assistido". (LEININGER, 1984a)

Com o suporte dessas definições a autora tem como plano de fundo a enfermagem e toda a missão dessa profissão. Expõe em sua obra que a enfermagem tem assim por função cuidar daqueles que necessitam - mesmo temporariamente - de cuidados, mas também é ciente que o cuidado é além de tudo uma construção entre indivíduos e culturas possuindo assim dimensões biofísicas, sociais, psicológicas e ambientais. Não cabe a esse trabalho esmiuçar cada uma dessas caracterizações, mas sim perceber como essa tarefa possui diversas vertentes além de várias formas de ser analisado e estudado.

Importante ter se em mente que o cuidado não é uma atividade nova, muito pelo contrário, é uma característica sempre presente na humanidade e em outras espécies também. A própria existência e vivência dos indivíduos somente foi, é e será possível graças ao cuidado dos indivíduos uns com os outros, tanto de laços parentais como mães

e filhos – o Cuidado Parental pode ser entendido como toda ação ou comprometimento que os pais possuem com os seus descendentes para lhe garantir a sobrevivência e melhor ‘encaixe’ com o meio social - como em relações de amizade entre indivíduos.

“Embora haja muitas definições e discussões propostas sobre esse tema, pode-se compreender o cuidado como um fenômeno existencial, pois ele faz parte do ser, da condição humana. Ele é também relacional, pois ocorre em relação a outro, sendo revelado na coexistência com os outros indivíduos. O cuidado é também contextual, uma vez que existem variações e intensidades diversas nas formas e nas expressões de cuidar conforme o meio considerado.” (PINHEIRO e MATTOS, 2005)

O cuidado possui e carrega consigo a busca do bem-estar dos outros e até mesmo dos praticantes, não é somente um conjunto de ações mecânicas e sim um entrelaçado de ações, sentimentos, gestos, olhares, e dessa forma essa atividade tem por comprometimento reconhecer além das demandas explícitas daquele que a necessita. Exemplos elementares são os casos de crianças recém-nascidas que caso não obtenham o cuidado de um indivíduo de mais idade jamais sobreviveriam sozinhas, entra nesse exemplo também o ensino da linguagem – extremamente vital para a socialização -, e no caso de indivíduos que necessitam de alguma forma de reabilitação – como a fisioterapia - ao ambiente para o prosseguimento das atividades básicas, em todos esses casos o sucesso desse procedimento não se dá somente pela execução das atividades de forma mecânica e impessoal, mas sim devido também as relações pessoais desenvolvidas durante toda a trajetória. O cuidado acaba sendo caracterizado como o relacionamento entre agentes na qual são presentes sentimentos como amor, afeto e altruísmo. Pode-se também adicionar que o cuidado é uma troca, um zelo, uma atividade a qual se forma por tempo e dedicação e não somente uma ação prática e livre de intenções. Acaba-se confirmando que o Cuidado é um termo multidimensional e - sendo assim - pode abranger muitos aspectos, deve-se sempre analisar o meio e a situação em que o evento ocorre para uma melhor compreensão.

O cuidado é sempre de um agente para outro, é uma ação que envolve o dar e o receber. Uma característica desse evento são os personagens que estão envolvidos nesse fenômeno, ou seja, quem realiza a ação de cuidador e aquele que recebe a ação. Como já dito acima todos em algum momento da sua trajetória de vida necessitou de cuidado, mas a forma de realizá-la, a representação e construção social sobre os envolvidos é o que molda cada situação. Por exemplo, um homem adulto que adoece e necessita de cuidados

para conseguir uma plena recuperação é um caso de cuidado temporário e que após a revitalização nenhuma medida mais será necessária, outro exemplo é de uma criança em seu processo de aprendizado – uma fase altamente segmentária, pois o sistema educacional é baseado em etapas – que necessitara de vários cuidados momentâneos ministrados por um conjunto de lecionadores e por último o caso de um idoso que necessita de cuidado para a realização de atividades primordiais para o prosseguimento da vida.

No primeiro caso o cuidado caberia a um/uma médico/médica, no segundo caso o cuidado caberia a um professor (a) e no terceiro caso não há um agente específico para realizar tal tarefa, mas essa função termina por ser uma responsabilidade da família. Em todos os casos há um agente para realizar e outro para receber e uma das principais diferenças presentes no ato de cuidar são em relação a quem é cuidado – os sujeitos comumente necessitantes dessa tarefa são crianças, deficientes e idosos. Para melhor compreender como essa tarefa possui diferentes significações é necessário conhecer também as construções sociais de cada um desses indivíduos. Quando cito ‘construções sociais’ me refiro a um conjunto de valores, regras, costumes, símbolos que atuam sobre variados aspectos da vida social e que acabam influenciando de maneira proeminente na atuação e compreensão dos indivíduos. Esse fenômeno surge e se perpetua através de práticas internas e externas ao indivíduo, mas mesmo tendo isso em mente não cabe a cada um de nós a escolha/aceitação desse papel, essa expectativa é incumbida a todos em momentos antes mesmo do próprio nascimento.

As crianças possuem consigo a representação do futuro, sendo assim o zelo e cuidado sobre eles é assegurar que a posterioridade possua os valores e princípios valorizados pelo presente, numa concepção Durkheimiana a educação e o cuidado sobre eles é garantir a existência de cidadãos que contribuem para a harmonia social (DURKHEIM, 2013). Porém essa visão mesmo que verdadeira mascara outras reais intenções também, por exemplo que o advento do progresso científico e industrial modificou a função desses indivíduos. Anteriormente cabia as crianças o trabalho e o auxílio as atividades domésticas, mas na modernidade – principalmente com o Iluminismo do século XVII - houve uma mudança de concepção diante desse grupo e assim adquiriram uma caracterização de pureza e cabiam a si somente desfrutar desse período e dedicar-se à escola.

Pode-se perceber, portanto, que até o século XVII, a ciência desconhecia a infância. Isto porquê, não havia lugar para as crianças nesta sociedade. Fato caracterizado pela inexistência de uma expressão particular a elas. Foi, então, a partir das ideias de proteção, amparo, dependência, que surge a infância. As crianças, vistas apenas como seres biológicos, necessitavam de grandes cuidados e, também, de uma rígida disciplina, a fim de transforma-las em adultos socialmente aceitos. (LEVIN apud NASCIMENTO et al, 2008, p.7)

Envolver-se com ambiente escolar seria necessário pois ali ocorreria o momento para descobrir e desenvolver suas capacidades, a escola seria o local que expandiria a socialização e criaria um indivíduo que contribuísse com maestria para a organização social. Trabalham-se com essas crianças para que possam gerar e produzir para o amanhã, criam-se indivíduos capacitados para a produção e o consumo. Assim a criança de hoje é o adulto de amanhã e esse será responsável pelo sustento e manutenção da sociedade e – certamente - da esfera familiar, por isso o cuidado sobre esse não é somente prestigiado e sim também vem atribuído como uma tarefa que é responsável pelo futuro de um conjunto (RODRIGUES E VERONESE, 2014).

Tendo em vista que as crianças são o símbolo do futuro os idosos são caracterizados como o tempo passado e associados com um futuro previsível. Na contemporaneidade o papel e função do idoso são e estão bastante limitados, Beauvoir transcreve o relato de François Garrigue que possui algumas definições que suprem com eficiência essa realidade.

“Para conciliar esta barbárie com a moral humanista que professa, a classe dominante adota a posição cômoda de não considerar os velhos como homens. Se lhes ouvíssemos a voz, seríamos obrigados a reconhecer que é uma voz humana; eu reforçarei meus leitores a ouvir essa voz.” (GARRIGUE apud Beauvoir, 2018, p.8)

“Os velhos que não constituem qualquer força econômica não têm meios de fazer valer seus direitos: o interesse dos exploradores é o de quebrar a solidariedade entre os trabalhadores e os improdutivos, de maneira que estes últimos não sejam definidos como ninguém.” (GARRIGUE apud Beauvoir, 2018, p.9)

Em tais relatos é explícito que há uma vertente socioeconômica que guia essa exposição, o sistema capitalista é altamente responsável por essa configuração e

representação da velhice na sociedade moderna. Uma das possibilidades mais relevantes de ser independente na modernidade é através da aquisição de capital e esse dar-se através de trabalho remunerado, na velhice ocorre ou um desligamento ou um afastamento dessa atividade. Dessa forma quando indivíduo perde sua força produtiva junto com essa perda vem uma invisibilidade e assim o momento da velhice é caracterizado pela retirada da autonomia, do reconhecimento como ser inativo, perda de dignidade e consumo. Importante ter em mente que mesmo a velhice sendo observada como um momento de desgaste físico esse não é o maior obstáculo vivenciado por idosos, mas sim concepção e papel social atribuído a eles. A cultura mostra-se forte o suficiente até mesmo para moldar a forma e qualidade de envelhecimento.

Compreender o papel social atribuído às crianças e idosos é somente possível com uma análise da sociedade em que esses indivíduos foram integralizados. Em um contexto capitalista contemporâneo cada indivíduo possui um papel e função a exercer na sociedade. Durkheim é um autor que propõe reflexões e teorias sobre esse aspecto da vida social com a Divisão do Trabalho Social. Nessa concepção a especialização é um demonstrativo de organização e teve sua origem percebida dentro das indústrias modernas, ou seja, nesse ambiente a especialização permitiu uma extrema divisão do trabalho, grandes agrupamentos de forças e capitais, etc. Sendo assim a especialização torna-se um indicativo de progresso/desenvolvimento econômico, mas que também será percebido em outros aspectos da vida social – como na configuração familiar, do direito, na política, na burocracia. Em sua teoria a Divisão é algo que perpassa o planejado pelos homens e sim é visto como algo intrínseco a biologia e natureza geral (DURKHEIM, 2010, pp.1-9).

Essa Divisão torna-se responsável pelo progresso vivenciado pela sociedade, mas justamente com ela há também o surgimento de outras questões. Uma delas é a busca dos indivíduos pela especialização – especializar-se significa obedecer a uma regra social, cumprir sua função com o meio, ser digno de prestígio social – e assim é improvável que tais consigam satisfazer todas as suas necessidades. A Divisão tem por função moral demonstrar que os indivíduos que pertencem a uma sociedade possuem peso em todos os aspectos da vida, ela lembra que o indivíduo é incompleto num alto grau de desenvolvimento. Quando as pessoas se unem devido suas carências surge ali o desenvolvimento da Solidariedade, para o autor as pessoas buscam nas outras as características que lhes faltam e numa sociedade altamente fragmentada isso se

concretiza. A solidariedade pode ser medida através de algumas formas e o sistema jurídico com todas as suas regras e leis é uma delas, quanto mais solidariedade maiores são as ligações entre os indivíduos e assim mais complexo e completo as relações, direitos e deveres (DURKHEIM, 2010, pp. 20-30).

Explicitando mais um pouco é possível evidenciar que a Divisão ultrapassaria os muros das indústrias e da produtividade material para adentrar em todos os aspectos da vida pública e privada, desde uma mera divisão de cargos numa empresa até toda a complexidade e especificações do sistema penal legal. Nessa concepção a especialização e divisão entrou no ambiente privado - principalmente no familiar – e cada agente desse meio foi incumbido de um papel a ser realizado e coube ao meio social exercer a influência e coerção necessárias para que todos desempenhem suas obrigações a fim de garantir uma existência organizada e harmônica.

4.2 – A Família

Para Durkheim a família pode ser um objeto de análise que reflete diretamente a sociedade, ela seria ‘uma espécie social particular. Esse grupo é o mais simples de todos e cuja a história é a mais simples’ (MAIOR apud DURKHEIM, 2005, p.12). Esse grupo seria uma forma de analisar as instituições na contemporaneidade e todo a sua história, estabelecer um diálogo da história com a sociologia e, claro, a realização de uma análise sociológica e da moralidade. Compreender esse grupo consiste em estudar as pessoas, bens materiais, consanguinidade, o Estado, a força das tradições, e no total todos esses elementos formariam a Família Grande numa denominação mais ampla, quando envolvesse de forma mais singular e restrita somente as relações mais íntimas a denominação seria de Família Nuclear. Exemplificando: quando houvesse questões envolvendo heranças, direito penal, bens materiais a família seria estudada num contexto mais abrangente enquanto que questões envolvendo o cuidado, ensinamentos privados e códigos de conduta seriam estudados num contexto de família nuclear. Claro que o privado é totalmente mutável e continuamente suas questões perpassam seus muros e apresentam-se ao público. Essa relação entre ambiente público e privado apresenta conflitos recorrentemente, mas todas essas questões são reflexos de períodos e contextos históricos, essas esferas aparentemente veem-se juntando e a sua separação apresenta-se

como um plano utópico. Uns exemplos dessa coligação são em relação à educação formal dos filhos e até mesmo na criminalização de atos de violência dentro do ambiente doméstico, o que antes era totalmente pertencente ao âmbito privado e totalmente negligenciado pelo público agora são compreendidos como demandas e pautas sociais e políticas. Tais temas não são somente de atribuição privada, a resolução e até mesmo o seu combate foi delegado ao público.

O direito e os costumes são fontes de grande confiabilidade para o estudo da família, pois retratam as maneiras de agir consolidadas pelo uso - não somente habituais - mas obrigatórias. Os costumes possuem consigo a natureza de virtude imperativa, retrata não o real e sim o ideal enquanto que o direito é a maior materialização do nível de solidariedade e desenvolvimento de uma sociedade. O costume serve de base para o Direito e é sua função impor sanções e definir obrigações, dessa forma analisar ambos elementos é analisar a solidariedade e a proporção da Divisão e assim conhecer de maneira mais objetiva todas as instituições sociais – e a família sendo uma delas. Para Durkheim o maior erro no estudo sobre as famílias é atrelar-se ao simplismo, deve-se sempre procurar as linhas principais, descobrir as relações existentes nesse grupo e jamais desprezar as diferenças que os separam. Deve-se conceber a família como uma instituição social como todas as outras e reconhecer suas relações com as demais organizações sociais (MAIOR,2005).

A organização familiar contemporânea ocidental veio sendo construída ao longo dos últimos séculos e foram consequências diretas das Revoluções Francesa (1789-1799) e Industrial (1698-1895), nesses períodos praticamente todas as estruturas sociais alteraram-se para responder de maneira satisfatória as novas classes dominantes e com a família não seria diferente. Uma das modificações que esse período trouxe foi a retirada da preponderância da Igreja sobre os casamentos e a intensa migração para as cidades – essa mudança demográfica ocasionou o estreitamento dos laços familiares e a diminuição dos membros que compõem o todo (MOREIRA,2001). Uma das principais funções da família na modernidade e na contemporaneidade é fornecer a proteção psicossocial do núcleo e garantir a primeira socialização, ou seja, a família deve responder socialmente a um ambiente interno e externo. Esse ambiente é responsável por desenvolver as capacitações e prover um lugar de conforto e bem-estar, interessante notar como essas atribuições podem ser definidas como o cuidado de um grupo para com o indivíduo. Na família todos os envolvidos possuem tarefas e obrigações a serem realizadas, questões de

gênero e faixa etária são as variáveis mais preponderantes para determinar o papel de cada. Essas determinações podem dar-se de maneiras diretas e indiretas, mas todas são demonstradas de acordo com a sociedade e de seu contexto histórico, um exemplo que vem sendo alterado na atualidade é em relação ao provedor financeiro do meio doméstico. Enquanto que sempre coube ao homem essa atribuição cenários como guerras, crises financeiras, autonomia feminina, novas configurações familiares veem moldando os novos personagens que são responsáveis por esse papel (NOGUEIRA, 2013, pp. 160-161).

Realizar a tarefa que lhe foi designado não é somente obrigatório, mas carregado de uma grande coerção e exterioridade— ou seja, a realização dessa tarefa é possível de compreensão com o auxílio do conceito de Fato Social de Durkheim. O papel e função a serem concluídos fogem as escolhas individuais e confrontá-las pode – se não sempre – ocasionar a desarmonia e crise no ambiente familiar. O fato social - nesse caso a obrigação de realizar o cuidado com um parente idoso - impõe limites ao comportamento e acaba guiando as atitudes dos indivíduos, dessa forma a Divisão e esse fato social são materiais e mecanismos de extrema importância para se compreender como as ações dos agentes que compõem o âmbito privado são direcionadas. Aqueles que seguem seus papéis e se dedicam em tais funções são exaltados e dessa forma criam-se estruturas e mentalidades que propiciem o máximo aproveitamento e especialização dos indivíduos. Um exemplo é a escola e o início da vida escolar dos indivíduos, cada vez mais cedo tem-se o início da vida acadêmica e isso dá-se pelos seguintes motivos: o primeiro pois os pais possuem menos tempo integral para dedicar ao cuidado dos filhos e o segundo é de que a entrada mais precoce auxiliaria futuramente no aprendizado e nas melhores oportunidades advindas da educação (DURKHEIM, 2010, pp. 32-37).

Baseado no discorrido pode-se afirmar que a família é responsável pelo cuidado de seus membros, cabe a essa organização garantir o bem-estar e a melhor vivência possível para os seus agentes. Um paralelo interessante sobre a ação de cuidado pode ser feito com o conceito de Ação Social de Weber. Para o autor ação social pode ser definida como o resultado da socialização de um grupo, um serie de atitudes guiadas pelo comportamento de terceiros.

A ação social (incluindo omissão e tolerância) orienta-se pelo comportamento de outros, seja este passado, presente ou esperado como futuro (vingança por ataques anteriores, defesa contra-ataques presentes

ou medidas de defesa para enfrentar ataques futuros). Os ‘outros’ podem ser indivíduos e conhecidos ou uma multiplicidade indeterminada de pessoas completamente desconhecidas. (WEBER, 2000, p.14)

Weber possui aspectos metodológicos para compreender o que são ações sociais, esse utiliza um método compreensivo – a junção do tipológico e do histórico – e a conduta humana seria analisada através das ações sociais. Utiliza também da ferramenta de tipos ideais para uma melhor compreensão e objetividade do material de estudo e exige de ‘seus’ pesquisadores um procedimento racional. Para ele os fenômenos sociais são multifacetados – mentais, históricos, subjetivos, temporais, culturais – e é dever da sociologia analisa-los e compreendê-los e assim traçar um perfil dos indivíduos, pois esses são agentes sociais. Nesse método compreensivo a investigação e compreensão dos acontecimentos sociais teriam por função explicar as relações entre as ações sociais e assim compreender a atualidade e aspectos históricos.

O cuidado pode ser definido como uma ação social, pois tal ação é o resultado da relação entre indivíduos que reconhecem o valor, sentido e objetivo dessa atitude. O cuidado não é realizado somente por questões de costumes, mas também envolve questões afetivas como amor, empatia, gratidão além de toda a carga social que há na atividade. A carga temporal também é de extrema importância nesse evento, pois o cuidado é uma ação histórica presente nos meios familiares e que garantem a existência desses indivíduos. Um exemplo é o cuidado com um idoso familiar, cuidar desse indivíduo é um sinal e representação de agradecimento devido a toda construção dele para com o núcleo e dinâmica familiar – evidentemente nem todos os casos são assim, mas ainda assim essa significação é presente e preponderante – e há a construção simbólica que tal tarefa é um sinal de abnegação, o que gera uma gama de sentimentos reconfortantes sobre aqueles que a realizam e abdicam de seus próprios interesses e anseios para cumprir esse dever arrebatador, porém mais adiante será exposto esse caso com maior especificidade e relatos.

Mesmo utilizando dos tipos ideias em sua obra, Weber afirmar que a mescla entre seus conceitos é inevitável e normal, sendo assim pode-se definir o cuidado como mais de uma denominação de ação social. Ele encaixa-se tanto nas ações racionais como irracionais, a ação social racional é em relação aos valores do cuidado pois esse é composto pelos princípios da cuidadora, pela moral presente no cumprimento dessa

atividade e - como já citado - a moral é a exemplificação de um ideal a ser realizado, um símbolo de nobreza e aquilo digno de exaltação. A ação social afetiva e tradicional também compõe a atividade de cuidado pois sentimentos são os pilares principais para a execução dessa tarefa, além da tradição e dos costumes. Quando se traz a questão dos sentimentos envolvidos no cuidado perde-se um pouco a noção de objetividade e o teor emocional possui maior espaço, o caráter sentimental é um propulsor da ação e dever de cuidar e a questão tradicional expõe a organização dos agentes familiares para a execução da tarefa. A ação social tradicional está vinculada aos hábitos e costumes compartilhados pela sociedade em questão e dessa forma possuem grande relevância sobre os seus atores e suas funções.

4.3 – O Caso do Idoso

Um caso de ação social vinculada aos hábitos e o costume é o cuidado com idosos familiares, o idoso após certa idade – aproximadamente aos 70 anos - necessitara de alguma forma de cuidado, sendo esse cuidado mais presente e vigilante com o passar do tempo. Claro que elementos como classe, gênero, fatores genéticos, acidentes, histórico médico podem influenciar na forma e intensidade do cuidado. Mesmo que tratado de forma mais impessoal anteriormente é necessário caracterizar e situar quem é esse indivíduo e a sua relevância na realidade familiar. Quando se cita que a longevidade do brasileiro aumenta consideravelmente ao longo dos anos e que cabe a família o seu cuidado pode parecer uma situação meio distante e teórica, retirando-se assim a carga de sentimentos que envolve esse processo. Na realidade esses idosos são mães, pais, avós, avôs, tios, tias, e os nomeando dessa forma atribuímos assim uma perspectiva de realidade e aproximação. Esses são os indivíduos que necessitaram de cuidado e todos esses carregam consigo uma gama de relações e sentimentos construídos ao longo da vida com todos os seus familiares.

“Pergunta: De quem você cuida? Qual o seu parentesco?

Resposta: Da [nome da pessoa cuidada]. Ela é a minha mãe.”³

³ Como forma de mesclar o conteúdo da pesquisa bibliográfica com os dados obtidos durante a entrevista os comentários coletados serão adicionados ao longo do trabalho com a seguinte formatação: Times New Roman, tamanho 11, espaçamento simples e em negrito. Ou seja, terão a formatação de uma citação longa direta, porém em negrito. Esses comentários foram reescritos de forma a facilitar a compreensão dos leitores, mas de forma alguma tiveram seu conteúdo adulterado. As modificações limitaram-se a

O cuidado de um idoso pertencente à família e num primeiro momento pode parecer que é somente um assunto do âmbito privado, mas envolve-se de maneira visível com questões de política, de gênero, etárias, raça, sendo assim envolve-se com a arena pública. O idoso não é somente um corpo que necessita de amparo e sim é a materialização da história familiar, das relações afetivas que o envolve e de todos os sentimentos que esse cultivou e cultiva até a atualidade com os seus familiares e amigos. A situação de ter um idoso no ambiente familiar de maneira tão próxima ainda é uma novidade para muitas famílias brasileiras e devido a isso não há uma gama de situações perceptíveis no nosso cenário, diferente do que ocorre em países onde o envelhecimento apresentou-se há praticamente 100 anos atrás. Por exemplo nos Estados Unidos da América (EUA) há a grande presença de cidades – uma melhor definição seria de comunidade - conhecidas e destinadas a serem centros de descanso para idosos, The Villages é o caso de sucesso norte-americano de como uma cidade/comunidade com essa proposta pode ser um símbolo de bem-viver e excelência (FAJARDO, 2015). Há também a existência de edifícios funcionais voltados a eles, no caso da França uma quantidade considerável de indivíduos quando chegavam a velhice destinavam-se ao campo ou para cidade mais distantes dos grandes centros, sendo essa a realidade nos anos 70 e 80 (BEAUVOIR, 2018) e no Brasil expressa-se de maneira tímida centros destinados a essa comunidade, porém o poder aquisitivo estabelece-se como essencial para usufruir desse universo.

Voltando para o Brasil, uma parcela majoritária da população não possui condições financeiras suficientes para financiar uma nova moradia para seus pais e familiares quando esses passam dos 70/80 anos e caso algum necessite de cuidados constantes a ida para a casa de algum deles apresenta-se como a única solução possível e viável. Claro que também pode ocorrer o caminho inverso, as gerações mais novas direcionarem-se para a casa do idoso e também há o caso de ambas as gerações dividirem a mesma casa ao longo da vida e assim não há a necessidade de mudanças de moradia. Morar junto sempre foi uma forma de manter os laços estreitos e evitar dispêndios econômicos sem a real necessidade, esse caso aparece de maneira mais forte quando envolve filhas caçulas.

P: Relação e grau de aproximação antes de ser cuidadora?

exclusão de termos coloquiais utilizados de forma demasiada, um exemplo é a colocação da palavra 'né?' ao fim dos relatos.

R: Sempre fui próxima a ela, sempre morei com ela. Mesmo quando casei eu morei com ela. A gente nunca se separou, antes de casar, me casei me separei e fiquei perto dela. Foi até uns motivos pelo qual acabei me separando [do meu marido]. ”

É importante ressaltar essa questão econômica pois essa variável é responsável pelo convívio desses familiares por diversas justificativas, uma delas – como já citado – é para se evitar gastos com novas moradias, outra razão é devido ao idoso que pode ser responsável por uma fonte de renda necessária para o grupo que divide a casa com ele, sua aposentadoria pode ser vital para o balanceamento das contas. Porém esse último exemplo não pode ser encarado como uma verdade absoluta, pois a aposentaria pode não ser compatível com os gastos realizados para a manutenção e sobrevivência desse indivíduo. Outra ocorrência em que a mudança de moradia e agentes são necessárias é quando envolve o óbito de algum familiar, no caso de casais de idade mais avançada é certo que haverá um remanejamento para evitar que o sobrevivente fique sozinho e sem o suporte necessário para passar por essa fase da vida, por último exemplo é quando ocorre algum acidente a esses indivíduos e não há a possibilidade de esse dar continuação as suas atividades de maneira autônoma.

Nessa perspectiva prevê-se que o cuidado será realizado e a única forma de livrar-se dele é com uma morte prematura e instantânea, tendo isso em mente os núcleos familiares organizam-se de forma que caso essa atividade torne-se necessária haverá um plano a ser seguido e, principalmente, um agente será destinado a exercer essa atividade.

4.4 – A Cuidadora

Entra em jogo nesse momento o cuidador familiar, ou melhor, a Cuidadora Familiar. A diversidade de núcleos familiares no Brasil é uma realidade e a tomada de decisões são guiadas por práticas socioculturais, isso significa que mesmo dependente da organização familiar e disposição dos agentes a questão cultural tem um papel expressivo de influência sobre todas as questões familiares. A decisão sobre quem exercerá o cuidado pode gerar tensões, dilemas e conflitos nas relações intrafamiliares e é importante ressaltar que questões históricas e circunstanciais são levadas em consideração nesse processo.

“(...)a escolha do cuidador faz-se a partir de várias questões circunstanciais ou históricas que marcam a trajetória familiar, como, por exemplo, as características da personalidade do cuidador e do idoso e das relações entre eles; disputa de poder no seio da família; expectativas relativas à idade, ao gênero e ao estado civil do cuidador; significado dos vínculos afetivos e de parentesco na família e a maneira como se deu a construção das relações familiares. A família concentra ampla gama de significados subjetivos por meio dos quais os membros analisam e interpretam suas ações. ” (SANTOS E RIFIOTIS, 2003, p,101)

Nessa busca por um cuidador avaliam-se se todas as situações possíveis, mas algumas características apresentam um maior peso sobre outros, uma certeza é que o gênero é a variável mais significativa nesse fenômeno. Mas além desse a questão de tempo e habilitação são levadas em consideração, para exemplificar esses exemplos uma pessoa que no momento da necessidade está desempregada ou realizando uma tarefa pouco prestigiada na visão familiar teria mais chances de ser convocada para realizar a tarefa, assim como se uma pessoa tiver um conhecimento prévio sobre Cuidado ou alguma especialização na área das Ciências Biológicas ou da Saúde. Uma situação que também seria levada em consideração é caso esse indivíduo já tenha cuidado de alguma outra pessoa ou familiar, caso isso tenha ocorrido é provável que as suas chances aumentem e até mesmo a simples convivência a mais tempo com aquele que necessita do cuidado já seriam suficientes para lhe delegarem o trabalho. Nesse último caso a realização da tarefa pode ser jogada ou nem ser pauta de discussão familiar, na ótica dos familiares como sempre esses indivíduos permaneceram juntos, não seria necessário separá-los.

P: Como foi o processo de escolha para quem iria exercer o cuidado?

R: “Foi acontecendo, eu sempre fui próxima dela, sempre fiquei perto dela. Ela não ia se acostumar com outra pessoa. ”

Um ponto de vista a ser considerado é em relação ao tamanho da família. Quanto menor for o número de membros, ou seja, menor o núcleo familiar já se sabe por parte deles que alguém assumira tal tarefa e que também haverá momentos de estresse em decorrência disso. No caso de famílias maiores sempre há certa indecisão pois diminuem-se as chances de cada indivíduo de assumir o papel de cuidador, nesse último caso aqueles que são convocados possuem um menor conformismo em relação a tarefa e possuem um desejo explícito por uma divisão da carga e de suas novas obrigações. Para Pedreira o

apoio e união familiar são essenciais para que esse momento ocorra com o menor impacto de danos possível, para a autora o sentimento de perda recorrente e as demandas que surgem devido ao cuidado levam os membros a estreitarem os laços familiares – sendo essa caracterização num cenário positivo e otimista -, mas essa situação também pode ocasionar crises e situações de desconforto no meio (2012).

P: Você acha que outra pessoa poderia exercer essa função? Por quê?

R: “Acho que sim, mas ninguém se disponibiliza. Outros filhos poderiam fazer isso, eu sei que alguns não têm mais condições. Eles precisariam é de alguém para cuidar deles, minha irmã precisa dos filhos para cuidar dela. Mas tem os mais novos, mas eles não acham mais tempo e eu sou a caçula.”

Essas relações conflituosas acabam favorecendo a manutenção do grupo familiar, mas o desgaste para o cuidador e quem é cuidado podem ser mais negativas e prejudiciais do que positivas. Podemos resumir um pouco da seguinte forma, caso o indivíduo que necessite de cuidado seja pertencente a uma família pequena e sua doença ou fatalidade esteja em estado avançado é possível que os laços se estreitem. Se for o caso dele pertencer a uma família grande e sua doença for mais lenta é possível que essa situação acabe desgastando os envolvidos com a atividade e todos familiares que não atuam de forma tão presente no auxílio necessário para o cuidador e o que é cuidado. Analisar como as famílias irão lidar com esse evento é muito subjetivo e várias variáveis exercem um papel fundamental sobre o resultado final.

O que se sabe é que é função de todos os envolvidos realizar o cuidado, mas cabe a alguns um cuidado mais direto e a outros um cuidado mais indireto. Fica evidente nessa divisão que o papel atribuído a cada um é baseado no gênero, há assim uma Divisão Sexual do Trabalho na qual caberia a mulher o cuidado mais direto e ao homem o indireto – esse sendo caracterizado por ações como fornecer auxílio material, financeiro, transporte, recreações momentâneas nos finais de semana ou quando a cuidadora principal estivesse ocupada.

A Divisão Sexual do Trabalho é um fenômeno que consiste da delegação de tarefas diferenciadas entre indivíduos baseados totalmente em seu sexo biológico, esse evento mesmo que se atrelando a biologia para legitimar-se é o resultado de contextos sociais, culturais e históricos, sendo assim não é algo natural e sim uma construção baseada na opressão e na desigualdade. Desigualdade e hierarquia são as bases dessa divisão, tanto na diferenciação entre trabalhos quanto na consideração de que alguns

trabalhos são superiores a outros, sendo assim os indivíduos mais valorizados realizam tarefas de prestígio e aqueles menos valorizados realizam as menos valiosas.

A diferenciação entre gêneros no âmbito do trabalho é uma consequência da diferenciação entre as esferas públicas/privadas e seus envolvidos, ou seja, caberia a cada um atuar num local e isso simbolizaria o seu valor e reconhecimento diante a sociedade. Caberia ao homem atuar no âmbito público e ser o provedor tanto da harmonia da sociedade quanto financeiramente com os seus dependentes, esse iria atuar em seu ‘destino natural’ e seria responsável pelo andamento a caminho do progresso do meio em que vivesse. Caberia as mulheres a reclusão e comando do privado, a casa e a educação dos filhos seriam suas únicas responsabilidades. Porém esse campo é visto como menos importante e assim seus envolvidos também carregam essa concepção, um exemplo disso é a fato do trabalho doméstico ter levado tanto tempo para ser considerado como uma atividade laboral.

“A não consideração dos afazeres domésticos como trabalho silenciou e tornou invisível, por muito tempo, relações assimétricas e de poder entre os sexos. Como as atividades domésticas eram baseadas nos vínculos de casamento e reciprocidades parentais, as relações de subalternidade e opressão entre os sexos ficavam escondidas na cumplicidade familiar, que reserva às mulheres o amor e cuidado à família, e ao homem a provisão financeira.” (RAMOS apud SOUSA, 2016)

Uma das razões do trabalho doméstico ser tão menosprezado é pelo fato de não ser uma atividade mercantilizada e a geração de capital sobre ela seria nula, mas sabe-se na atualidade que o impacto dessa na economia mundial é responsável por movimentações gigantescas caso fossem contabilizadas, ou seja, seu impacto é indireto sobre os aspectos da vida. Hirata e Kergoat apresentam que após o reconhecimento do trabalho doméstico como atividade de trabalho abriram-se caminhos para repensar a divisão sexual do trabalho. Para elas as divisões sociais estabelecidas nas relações sociais entre os gêneros são os reais responsáveis pela existência dessa divisão sexual na área do trabalho (2007).

Nessa divisão coube as mulheres a reprodução e aos homens a produção, na sociedade moderna e contemporânea é valorizado aquele que gera valor e acumula capital e com essa divisão caberia somente aos homens a atividade mais valorizada e lucrativa. Os trabalhos remunerados e não remunerado também estão presentes nessa divisão, caberia ao homem exercer trabalhos cujo a remuneração é uma obrigatoriedade enquanto

que para as mulheres essa não seria uma realidade tangível. Outro aspecto dessa divisão é a questão de a masculinidade ser o aposto da feminilidade e os trabalhos seguiriam essa denominação, dessa forma as tarefas árduas, pesadas, insalubres e perigosas seriam destinadas aos homens enquanto que tarefas leves, fáceis, que envolvessem limpeza, cuidado, paciência e detalhes caberiam as mulheres (HIRATA, 1995). A execução do trabalho doméstico e do cuidado com os membros do conjunto familiar são atividades que não são remuneradas e caso a pessoa – a mulher - que as realize exija alguma forma de pagamento monetário pode ocorrer o estranhamento, desconforto e, até mesmo, um certo repúdio por parte da família. Seria como se o pedido de uma troca monetária pela atividade realizada fosse uma forma de corromper e de retirada do seu caráter sentimental e de obrigação. A ação de cuidado – numa visão romantizada – é totalmente envolvida de amor e dever moral, quando tentam de qualquer forma envolver dinheiro sobre essa atividade uma simples conversa entre os indivíduos pode gerar conflitos irremediáveis. Dessa forma esse assunto torna-se um tabu e quando há a transferência de dinheiro para o cuidador ou para o que é cuidado essa ação é vista mais como um símbolo de benevolência e não como uma simples obrigação.

“Como os seus familiares lhe ajudam?”

R: Eu tenho um trabalho, eu vou pro serviço e deixo na casa da minha irmã e quando eu acabo eu busco ela, mas isso é de agora. Antes ela tinha que ficar sozinha, mas aí desenvolveu o Alzheimer e não deu pra deixar ela sozinha mais. Fico sempre com ela, final de semana ela tá aqui. Mas agora é impossível dela ficar sozinha. Eles ajudam esporadicamente, as vezes quando tem uma consulta e eu não posso. Aí eu fico ligando de um para outro pra ver quem consegue ir. A minha irmã que mora em Belo Horizonte paga o convênio médico pra ela. Todos oferecem mais um suporte, mas nada financeiro. As vezes vem ver, mas dinheiro é mais difícil.”

O que se é possível afirmar de acordo com o relato acima e o trabalhado até o momento é de que quanto mais sentimentalista for uma ação ou atividade menor deve ser a participação do dinheiro em seu processo, fecham-se os olhos para as necessidades e espera-se que somente o sentimentalismo seja suficiente para saciar todas as necessidades. Obviamente esse pensamento pode esconder outras razões como a real ausência de dinheiro ou pelo simples fato de não querer contribuir.

É possível traçar um perfil de qual agente pertencente ao grupo familiar será escalada para a realização da tarefa, certamente que mulheres sempre serão as mais cotadas e isso já é de reconhecimento delas. A construção social de que essa é agraciada

com o dom do cuidado e da paciência são os quesitos necessários e suficientes para o trabalho, outro quesito que conta consideravelmente é o estado civil. Casadas serão a segunda opção - pois já possuem uma família para cuidar - enquanto que as solteiras serão as preferidas, o nível de aproximação com o idoso também é importantíssimo e um último fator essencial é a ocupação profissional atual dessa mulher. Caso a mulher seja solteira e extremamente próxima do necessitante, mas possua uma ocupação que lhe garanta independência e prestígio dificilmente a posição de cuidadora recairá sobre ela, é interessante observar como diante de todos os fatores o de 'ocupação profissional' apresenta-se como suficiente para combater e vencer os demais. Isso pode ser uma consequência da atualidade na qual a autonomia financeira e pessoal é concreta o suficiente para tirar a obrigatoriedade de tarefas, em décadas passadas tal situação poderia ser impensável.

Retratando mais sobre o grau de parentesco e aproximação é mais provável que a ação fique de responsabilidade sobre as filhas e no caso de não haver filhas é possível que noras assumam a posição de cuidadora. Quanto mais tempo se passou com o idoso antes de o cuidado ser essencial é um indicativo de quem será a provável cuidadora, mas também há casos em que ser responsável pelo cuidado ocasione a geração de status sociais dentro do seio familiar. Claro que esse status e até mesmo aproximação por meio do cuidado são peculiaridades que se apresentam em contexto definidos, um deles é que caso o idoso possua certo patrimônio o contato com ele nos momentos mais difíceis será levado em consideração antes do último suspiro. Outro exemplo é no caso de um idoso que ainda possua um papel de importância sobre as questões familiares e o contato com ele eleva a posição da cuidadora, de uma simples trabalhadora para uma possível porta-voz. É possível visualizar que há casos em que a ação de cuidar é delegada – uma maioria – e casos em que o cuidado pode ser almejado.

Essa delegação é um ponto interessante a ser compreendido e analisado, pois como já citado há um perfil com maior predisposição a ser escolhido para realizar o cuidado, mas a forma como é decidido definitivamente ou como a notícia é 'dada' mostra muito como as relações familiares estão configuradas. Reuniões familiares com essa temática servem para mapear a situação de cada membro em relação a probabilidade de esses atuarem como os cuidadores, cada integrante expõe sua realidade e por fim decide-se quem será o responsável. No mesmo processo há a divisão de tarefas e como será realizado os auxílios perante a cuidadora e o que é cuidado, como no caso de levar o idoso para consultas médicas, responsabilidade sobre a compra de remédios, rodízio de

cuidados – principalmente nos finais de semana. Esse é o momento onde toda a organização será definida, mas a sua concretização é uma incerteza, pois no começo há um maior senso de responsabilidade e com o tempo há uma maior acomodação e menor prestatividade.

Há casos também em que não há nem a reunião, caso o idoso more com algum parente sabe-se de certo que quando ele necessitar de cuidado a situação pouco mudará, ele acabará permanecendo no mesmo lugar com os mesmos familiares. Nesse caso há chances do suporte pelo restante da familiar ser mais fracionado e irrisório, ainda mais se a família contiver um grande número de membros – cada membro confiará que outro ajudará e esse pensamento guia a debilidade em oferecer um suporte para a cuidadora principal.

Uma situação que a delegação da tarefa pode ocasionar é a de mudança de planos e até de objetivos de vida perante um indivíduo, quando há uma carência de um possível cuidador o jogo familiar movimenta-se na busca de um indivíduo que assuma essas tarefas. Nessa busca avaliam todos os integrantes do grupo familiar e procuram aqueles (as) que mais se encaixam nessa função, os que podem abrir mão de suas vontades e dedicar-se ao cuidado no processo é avaliado os que já constituem uma família nuclear e o grau de contribuição financeira para a organização inteira. Seria o caso de uma mulher que ainda está na vida acadêmica ou numa ocupação profissional com remuneração não tão significativa ser coagida a pausar esse momento e dedicar-se a essa tarefa que exige prontidão imediata e integralidade duradoura. E por último exemplo seria o caso de uma mulher que realiza o serviço doméstico ter essa função destinada a si, pois somente – na visão familiar – realiza o serviço de casa.

Em todos esses casos será necessária uma adaptação ao novo contexto existente e essa adaptação é em sua maioria por parte da cuidadora que agora vê-se com uma outra realidade e rotina. Abdicar de suas vontades será necessário para a realização desse trabalho e essa abdicção não ocorre de maneira voluntária, mas sim como uma simples consequência desse modo de vida.

4.5 – Realização das Tarefas e Desgaste

“P: Você se sente sobrecarregada com essa função?”

R: Sim, tem hora que eu sinto. As vezes tem muita coisa pra fazer sabe, lavar louca e roupa, dar remédio, ajudar no banho, é coisa demais.”

Agora que a função foi atribuída caberá a essa cuidadora uma série de tarefas a serem realizadas, mas a intensidade e nível de atenção destinado a essas tarefas depende do estado de saúde do idoso necessitado e do tamanho do grupo familiar envolvido diretamente com o cuidado. Há casos em que o cuidado em sua maior parte é ocupado pela realização das refeições e medicações, porém há situações de idosos acamados ou com incapacidade de locomoção que necessitam de cuidado redobrado e auxílio em praticamente todas as atividades.

“P: Você tem algum suporte para realizar essas tarefas?

R: Esporadicamente alguém se oferece para ajudar, alguns passam por aqui pra dar um ‘oi’ mas não fica muito tempo. No caso de ir pra consulta sempre sou eu que vou, dá uma briga quando eu peço pra alguém ai eu vou logo quando posso. E ela também não gosta de sair daqui, sai e se fica dois dias fora já fica com vontade de voltar.”

A ação do cuidado transforma a rotina doméstica e progressivamente torna-se mais uma atividade de praxe, há assim a normatização desse contexto. É o caso de idas ao médico, horários da medicação, forma de dar banho, atividades de lazer ao idoso, até mesmo o desligamento momentâneo da tarefa traz consigo um plano elaborado de logística para que o cuidado nunca deixe de ser realizado. A prestação com o idoso afeta diretamente todos do meio familiar, mas a realização do cuidado atua diretamente sobre os realizadores do cuidado direto e essa obrigação por mais que tenha um agente principal para realiza-la pode ser perpassada para os residentes da mesma moradia.

Junto com todas as atividades realizadas pode surgir o desgaste proporcionado por essas, ou seja, há a corrosão gradual e progressiva da saúde física e mental das cuidadoras ao longo do processo de cuidado. O desgaste diante do cuidador é o momento em que a sobrecarga é mais visível e prejudicial, mas também se tendo em mente que essa não é causada somente pela ação de cuidar e sim carrega consigo diversas questões subjetivas – alguns exemplos são sobre a abdicação do lazer, trabalho, estudos, falta de apoio familiar, etc. Considerando mais esse desgaste pode-se dizer que a sua apresentação pode

acabar manifestando-se de diversas maneiras e sentimentos de culpa, frustração, stress, depressão.

Esse desgaste acaba sendo ocasionado devido a forma e o agente que foram escolhidos para exercer a tarefa, não se equaciona as exigências e necessidades para exercer o papel. Fernandes e Angelo (2016) citam algumas características e situações necessárias para que a atividade seja desempenhada de maneira saudável e possível pela cuidadora. A primeira delas seria a da importância da existência de um suporte, quando se cita suporte esse não é somente relacionado com questões financeiras e materiais e sim como uma pessoa para desabafar e até mesmo reconhecer o trabalho realizado. As necessidades emocionais são tão exigentes quanto as materiais, caso essa não seja atendida um mix de sentimentos – desespero, medo, insegurança, felicidade, angústia - pode surgir e impactar negativamente a cuidadora. Grupos de apoio ao cuidador serviriam tanto para aliviar a tensão quanto para compartilhar situações com indivíduos que possuem a mesma realidade, esse descarrego seria a válvula de escape pois geralmente elas ocupam essa posição 24 horas por dia/7 dias por semana. Entretanto por mais que esses grupos existissem ou que houvessem amigos próximos para desabafar, essa ação seria realizada com certa dificuldade pois a presença delas é requisitada para exercer o cuidado constante.

“P: Você acha que outra pessoa deveria exercer essa função? Por quê?”

R: Eu acho que alguém deveria, mas não se propõem. ”

“Se sim, por que essas pessoas não exercem?”

R: Eles já estão cansados e querem viver as suas vidas, sempre tem um motivo. Sempre tem uma desculpa, estão trabalhando ou viajando e nunca sobra tempo.” [Comentário da pessoa que é cuidada: “Eu tive muitos filhos e criei todos, nunca dependi de ninguém. Quando meu esposo ficou doente eu cuidei muito dele, não cuidei mais por que Deus não deixou. Criei todos e eles foram casando.”]. “Eu não acho que seja responsabilidade dos netos e sim dos pais deles, afinal é o filho que tem obrigação. A única neta que cuida é a Priscila. Os outros até vem uma vez ou outra, mas cuidar mesmo não.”

Um outro aspecto que causa o desgaste é em relação a carência de informações uteis para realizar o cuidado, pois em caso de doenças graves e idosos acamados será necessário conhecimento específico, temos como exemplo processos que envolvam a

mudança de posição para se evitar o aparecimento de escaras, troca de dietas em idosos que usem gastrostomia, banhos em leitos, troca de fraldas. É necessário um repasse de informações atuais e confiáveis para os cuidadores, caso elas não obtenham tal conhecimento poderá haver insegurança durante a realização do cuidado. Uma forma de lidar com esse cenário é um apoio e iniciativa pública para acompanhar tanto o necessitado quanto o cuidador, a presença da esfera pública é necessário e imprescindível nessa situação. A necessidade de aprendizado não se limita somente a conhecimento técnicos, mas também em relações interpessoais. Deve-se aprender e compreender o próprio eu e a lidar com toda a família.

Quando a preocupação de como agir com a idoso são sanadas abre-se um espaço reflexivo e as preocupações são destinadas a si mesmo, esse indivíduo começa a ver-se responsável por tudo relacionado ao idoso. A gestão do tempo, de atividades e até financeira pode torna-se algo estressante e acaba criando assim um conflito de interesses e obrigações, pois deve-se realizar o cuidado e o tempo destinado a si mesmo é extremamente defasado. Em todo esse conflito o psicológico é abalado e tenta-se apresentar um estado de normalidade para não preocupar os envolvidos, mas as relações internas estão extremamente frágeis e propícias a se desfazerem. Dejours (2011) situa seu campo de pesquisa em estabelecimentos com um grande número de empregados, mas é possível trazer sua concepção de criação de mecanismos de defesa para aguentar a realidade do trabalho para o contexto dos cuidadores familiares. Esses mecanismos podem ser a utilização de álcool e drogas, mas nesse cenário as ferramentas utilizadas para sobreviver nesse contexto seria o âmbito religioso e a moral cristã. Em sua concepção podemos traduzir trabalho de cuidador como uma eterna sobreposição entre o sofrimento e mecanismos de defesa desenvolvidos internamente e externamente para dar prosseguimento a tarefa (DEJOURS, 2011).

Ele ainda afirma que os mecanismos criados coletivamente para a amortização do trabalho sejam mais efetivos, mas essa forma não é uma realidade para as cuidadoras pois elas passam grande parte de seu tempo realizando a atividade no ambiente privado, além da pouca socialização com outros indivíduos na mesma realidade. O que cabe a elas é interiorizar suas estratégias e utilizar disso para prosseguir com o seu compromisso (DEJOURS, 1992). Um dos maiores mecanismos de defesa para o prosseguimento e não rebelião diante desse fenômeno é toda a carga sentimental sobre o idoso, no caso das

filhas que cuidam das mães⁴ o amor e gratidão são as maiores razões para continuar nessa atividade, há também o medo de culpabilizar-se após a morte e, claro, as fortes ligações familiares.

A questão de prazer-sofrimento numa concepção de Dejours (2007) também é possível de perceber nessa atividade, pois todos esses mecanismos possuem por função negar ou controlar todo o sofrimento envolvido na ação de cuidar de um idoso. .

Ressignificar essa ação que traz sofrimento em situações geradoras de prazer, elas interpretam que essa dedicação e desgaste são necessários para prover o bem-estar e garantir a felicidade. A abdicção dos próprios desejos em função do bem do próximo é um exemplo de moral e totalmente bem aceito e propagado pelos valores atuais – principalmente os cristãos. Cabe mencionar que o medo da morte também atua nesse aspecto, o convívio direto com esse indivíduo promove a reflexão sobre a vida e em como se é tratado durante esse momento, cuidar bem e com zelo desse agente é concretizar – mesmo que de maneira não proposital – a forma como se quer se cuidado no futuro. Essa relação posso elucidar que seria como um espelho geracional, no qual o mais novo acaba se enxergando futuramente na posição do mais velho.

4.6 – Apoio Familiar, Relação com o Idoso e Futuro

Um dos principais elementos que evitam o desgaste da cuidadora é o núcleo familiar e como esse compreende a ação de cuidado. A família é mais que um conjunto de agente unidos por laços sanguíneos, mas também é um sistema baseado em relações e esse sistema pode ser definido como funcional ou disfuncional. Os funcionais são caracterizados como uma organização na qual o pensamento coletivo é a base das relações, a ordem e a harmonia são prevaletentes. A atribuição de papeis é presente, mas não é dominante e dessa forma há uma menor presença de conflitos. Todos os envolvidos reconhecem que possuem papel de importância para a preservação da saúde mental e física do grupo, nesse grupo específico a família atua de forma a corroborar e auxiliar nos deveres de cada um. Enquanto que num sistema disfuncional há a prevalência de um pensamento mais individual e o surgimento de crises é algo esperado. As funções são

⁴ Todos os casos das entrevistas se enquadram nesse exemplo.

delegadas e caso exista uma negação com a atribuição destinada o meio familiar exercer a coerção suficiente para situar cada indivíduo no seu papel imposto. Os problemas são afastados ou camuflados, mas jamais resolvidos. Em ambos os casos o sistema tende para o equilíbrio, mas os esforços e energia necessária para mantê-los harmônicos é gritante se comparados um com o outro (Caderno de Atenção Básica, 2006). Em grande parte das situações o simples reconhecimento da família da importância de exercer o cuidado já altera drasticamente – de forma positiva – as condições e qualidade de vida do cuidador, ser alvo de admiração auxilia no andamento da tarefa e dá a ela uma conotação de importância com maior evidencia. Caso a realidade seja a inversa o estado físico e mental da cuidadora pode ser prejudicado e sua própria saúde e bem-estar estarão comprometidos.

“P: Você se sente valorizada pela sua família por realizar essa tarefa?”

R: Eu acho que não. Minha mãe sempre ficou comigo, sempre mesmo. Nós nunca ficamos longe uma da outra. Eu casei, tive a Priscila e me separei, mas ela sempre esteve comigo. Aí a família diz que eu sou a favorita, todo mundo diz ‘mas a mamãe sempre preferiu você’ mas eu sempre estive com ela. Ela vive comigo e com a Priscila. Quando ela vai pra outro lugar já quer voltar aí ficam falando isso.”

“P: Você acha que seus familiares reconhecem a importância do seu trabalho? Como eles expressam isso?”

R: Eu acho que não, um ou outro pode reconhecer... Mas sei lá, eu acho que não. Tem muito ciúme, falam que ela mora comigo e eu digo que isso não tem nada a ver. Quando eles ligam aqui só perguntam pela minha mãe e só, liga uma vez ou outra. Uns que moram longe nunca vem aqui, só vem no Dia das Mães ou no Natal. Quando acontece alguma coisa de ir no hospital e eu não aviso eles ficam com raiva, mas eu digo ‘por que vocês não ligam para saber como tudo está?’ A única vez que fazem rodízio para ficar com ela é quando ela ta no hospital. Todo mundo fica com medo, né”

Mas outra relação que também é modificada é a entre o cuidador e cuidado, pois a partir do momento em que essa ação é necessária a relação entre ambos assume uma nova significação. As relações de poder são alterados e podem configurar-se como o oposto da usualmente construída, isso é perceptível nos casos em que filhos cuidam dos pais. Quando se cuida de alguém surge ali uma relação de tutela, um será responsável pelo outro, por suas ações e consequências – da mesma forma que os pais são os tutores

de seus filhos, durante o cuidado com o idoso a cuidadora assume o papel de ‘mãe’. Assim observa-se que há a alteração de papéis, ainda mais em casos que envolvam demência ou o comprometimento do estado mental do idoso. O que também pode ser objeto de estudo é que o excesso de convivência pode gerar conflitos e nesse caso não seria diferente, ainda mais quando envolve a realização de tarefas as vezes tão íntimas e invasivas. Nesse caso podem ser caracterizadas como íntimas e invasivas a troca de fraldas geriátricas e o controle financeiro dos rendimentos do idoso, caso do contato com os órgãos genitais há uma certa prevalência sobre quem irá executar tais ações – homens executam nos homens e as mulheres nas mulheres. Esse excesso de contato e convivência podem acarretar até mesmo a perda de paciência e empatia em alguns momentos.

“P: E como é a relação hoje?”

R: “É um pouco complicado, acho que invertemos os papéis. Tem algumas discussões e desavenças. Hoje temos mais discussões, hoje ela é mais teimosa parece criança.”

Não faltam casos de violência com idosos no Brasil, por exemplo em 2017 houveram mais de 33 mil denúncias de abusos com pessoas acima de 60 anos, afirma o Ministério dos Direitos Humanos. Isso tendo-se em mente que nem todos os casos são denunciados pois a maioria ocorre dentro do âmbito doméstico, devido as relações que a vítima possui com agressor, além do medo e da falta de conhecimento sobre a burocracia existente para efetuar a denúncia. Quando se cita violência essa não é somente física, mas enquadra-se também a psicológica, verbal, sexual, essas violências podem ter acompanhado o indivíduo até a sua velhice ou podem ser o resultado do envelhecimento. Condições de instabilidade financeira, acesso limitado à educação e saúde podem afetar não somente a forma de envelhecimento, mas como o idoso pode lidar com os casos que violência que pode sofrer.

Uma forma de violência pouco reconhecida é a sexual, a forma é praticada de forma muito implícita e possui consigo certo apoio social. Distanciam ao máximo o processo de envelhecimento com o apetite sexual dos idosos e no caso das mulheres essa discussão é praticamente impensável e inexistente, esse desejo é totalmente negligenciado tanto pelo meio sobre eles quanto deles sobre eles mesmos. Priva-los dessa satisfação envolve a violência psicológica e social conjuntamente, dependendo do perfil do idoso há inclusive o repúdio diante desse assunto – no caso de idosos homossexuais. Outra forma

de violência existente sobre o idoso são os casos de abandono que já são considerados crime e que acarretam 16 anos de prisão, deve-se ter em mente que a obrigação de cuidado e tutela sobre idosos cabe aos filhos e essa é uma obrigação que consta na Constituição Federal.

4.7 – Perspectivas com o Futuro

Pode-se pensar que a libertação da atividade de cuidado seja um dos maiores anseios dessas mulheres, mas a situação não se apresenta de maneira tão simplificada e utilitarista. Pensar no futuro ou até mesmo arquitetar planos pode ser o maior símbolo de egoísmo e desumanidade, já que a única forma de deixar de realizar essa tarefa exige a morte do idoso, sendo essa afirmação baseada nos casos coletados. Esse tópico pode gerar desconforto quando se é discutido ou quanto torna-se motivo de reflexão, trazer essa questão à tona obriga que a cuidadora tenha um choque de realidade e o pensamento sobre a morte eminente apresente-se de maneira mais tangível e próxima. Por mais que a atividade seja cansativa e acarrete o sofrimento, nos casos observados o fim dessa ação não é sonhado pois se sabe quais consequências esse fim trará consigo.

Há assim um dilema interno nesses agentes, há o desejo de descanso, de liberdade sobre a própria vida, mas há também o medo da perda de um ente querido. No final das contas confortam-se com a execução da atividade e planejar o futuro é uma atitude que demonstra desrespeito. Pode-se confirmar que cada plano sobre o futuro é o rompimento com o presente e toda a carga sentimental acrescida com ele.

“P: O quê você faria se não estivesse realizando essa tarefa?”

R: [pausa] Eu não sei te responder, eu vivi sempre com isso... Eu não sei te responder. Eu não consigo imaginar uma situação assim.”

O que acaba ocorrendo é que essas mulheres se mantem no ambiente privado durante um longo período de tempo e pouco lhes sobre para dedicar a si mesmas, perde-se o contato com o exterior e as possibilidades que esse pode oferecer. A existência de grupos de apoio às cuidadoras familiares alinhados com uma discussão sobre o futuro delas são ferramentas que mudariam drasticamente suas realidades, tanto por lhe oferecem mecanismos de ajuda como para expor sua voz. Outro tópico a ser discutido

nesse âmbito é a questão da morte e como todos os envolvidos devem se preparar para tal evento, e isso abarcando os agentes e não somente os idosos – afinal qualquer pessoa está sujeita a morte. No meio familiar esse tema não é discutido pois qualquer conversa sobre ele significa que a morte do idoso está próxima, ou seja, a cuidadora é privada – internamente e externamente – de pensar ou planejar o seu futuro enquanto realiza a sua tarefa. Acabam tirando ainda mais a sua individualidade e personalidade, essas retiradas pesam ainda mais sobre ela e podem acarretar no adoecimento mental e físico.

“P: Quais são os seus planos para o futuro?”

R: Cuidar dela até o último momento da vida dela. Ou até mesmo né (fez uma alusão a própria morte)... Ninguém sabe o futuro. Se ela for eu sigo a minha vida. Quando a Priscila casar e for embora eu não quero ir junto. O depois só Deus sabe.”

Mesmo com a criação de mecanismos internos e coletivos para a execução da tarefa é possível perceber que tal não é recomendada pelas cuidadoras, em momento algum essas mulheres desejam que outras pessoas realizem o cuidado – pelo menos da maneira e situação em que elas foram delegadas a realizarem. No caso acima a cuidadora não deseja que sua filha passe pela mesma situação – tanto de convivência quanto de cuidado – que ela mesma passou. Isso demonstra todo o peso que a tarefa carrega consigo.

4.7 – Ação Pública

Entre os princípios e diretrizes da Política Nacional do Idoso é estabelecido que de acordo com o Artigo 30 da Constituição Federal “a família, a sociedade e o Estado tem o dever de assegurar ao idoso todos os direitos de cidadania, garantindo sua participação na comunidade, defendendo sua dignidade, bem-estar e o direito à vida” (BRASIL, 1994), sendo assim esse triplice é responsável pelo cuidado com o idoso. Porém não é devido a promulgação de uma lei que a sua prática é uma certeza, dessa forma a responsabilidade acaba caindo somente sobre a família. Tanto que essa pode ser penalizada e criminalizada caso o cuidado não seja realizado, diferente dos casos de omissão da sociedade e do Estado.

Com todas as mudanças que atualmente ocorrem na realidade das famílias brasileiras a questão do cuidado também está em processo de adaptação. Cabe ao poder público compreender esse momento e estimular políticas públicas que se adequem nesse cenário, alguns exemplos disso são os programas de auxílio familiar domiciliar como o

Melhor em Casa e a Estratégia Saúde da Família que concebem que não é somente o idoso que tem por direito ter a sua saúde cuidada e sim toda a família (CAMARANO, 2016). Políticas de cuidado de longa duração ainda estão em tramitação e poucas são as chances na atualidade de um debate público diante desse tema, assim como as que propõem analisar os cuidadores familiares. Esses agentes estão longe de virarem uma pauta política e uma das justificativas para isso pode ser o fato desse evento ser ainda considerado como um assunto do âmbito privado e por qual perfil é formado o seu contingente.

O poder público ainda se envolve de maneira insatisfatória nesse quesito, mas em relação aos idosos deixa claro algumas demarcações: Art. 229: “Os pais têm o dever de assistir, criar e educar seus filhos menores, e os filhos maiores têm o dever de ajudar e amparar os pais na velhice, carência ou enfermidade.” e Art. 230 (citado acima), baseado nesses como ponto de partida surgem assim a Política Nacional do Idoso e diversas políticas públicas nesse campo. Outra forma na qual o poder público acaba se envolvendo é através de um direcionamento para que o cuidado seja sempre no ambiente doméstico, evita-se ao máximo a institucionalização do cuidado e somente em casos específicos o Estado assume essa tarefa. Nos direcionamentos de órgãos nacionais de saúde há encaminhamentos de que o *care* é mais efetivo e confortável no ambiente familiar e assim caberá à família não somente o cuidado, mas até a responsabilidade sobre o fim de tratamentos e aplicação de medicações.

5 – Conclusão

Quando se debate o papel do idoso na atualidade é muito forte a presença de preconceitos, simplesmente retiram dele toda a sua importância e relevância. Tratam ele como um indivíduo incapaz de pensar e agir por si próprio, subtraem a sua autonomia e encarregam-se de portarem a sua voz. Tendo isso em mente o maior obstáculo para o idoso e o envelhecimento não é o desgaste ocasionado pelo tempo, mas sim todo o peso cultural negativo sobre o que é o envelhecimento e o processo de envelhecer. É perceptível como há um conflito de gerações na qual uma delas sente-se no poder e direito de suprir a voz das mais novas – crianças e adolescentes – e das mais velhas. Quando utilizamos termos como população ativa e inativa, geração Nem Nem (caracterização de jovens que não ‘querem’ NEM estudar e NEM trabalhar), indivíduos incapacitados, acabamos direcionando o desenvolvimento da sociedade para um grupo específico na qual a idade funciona como uma seleção. Essa idade não é o motivo em si, mas ela acaba significando quais indivíduos estão no momento de produção e consumo na atualidade, esses indivíduos possuem entre 18 – 60 anos e cabe a eles a definição e prosseguimento do meio social. Se fossemos exemplificar essa geração com os exemplos e conceitos citados acima caberia a esse grupo o papel de prover, eles seriam os responsáveis por gerir econômica e de forma laboral a sociedade e dessa forma o poder de decisões recaem sobre si.

Os conflitos geracionais existem e são presentes em praticamente todos os grupos familiares, o que muda é de qual forma eles são explorados e lidados. Quando surgem momentos de crise ou desconforto rapidamente o caos é amornado e num contrato implícito conjunto o assunto é deixado fora de pauta. Porém quando esses eventos insistem em ocorrer é possível a ocorrência de violências físicas, morais, psicológica. Os casos de denúncias de violência contra os idosos são exemplos disso, o ambiente familiar é especialista em abafar e maquiagem suas crises. Uma forma de reverter essa situação é através de leis e políticas públicas que garantam e possibilitem a autonomia dos idosos, deve-se ressignificar a sua posição e papel social além do ensino da convivência harmoniosa para as futuras gerações. Há casos de escolas que realizam a troca cultural entre crianças e idosos, essa ação traz consigo o desenvolvimento da empatia e o reconhecimento de ambos sobre as dificuldades e limitações dos envolvidos. Dessa forma no futuro o idoso não será um indivíduo distante e desconhecido e sim um cidadão com

demandas reconhecidas pelas novas gerações, essa é somente uma forma de lidar com a situação. O essencial para evitar tal fenômeno é garantir não somente o respeito ao próximo, mas sim o reconhecimento da sua autonomia e desejos, as gerações devem ver-se como tangenciais e não como paralelas, afinal o presente de uns é o futuro do outro.

Sobre os cuidadores foi observado algumas situações que agravam ainda mais o seu estado físico e mental, um muito relevante é de como a sua saúde é uma consequência de como o cuidado exige de seu corpo e de sua mente. Problemas de coluna, enxaquecas, ociosidade, perda de contato com o social, foram algumas reclamações colhidas nas entrevistas e é interessante notar como pouco se é percebido que mesmo fornecendo o cuidado e garantindo a saúde de outro indivíduo a do próprio cuidador entra num processo de debilitação. A atividade de cuidado pode acabar exigindo certos esforços físicos as quais as cuidadoras não estão preparadas e dessa forma forçam o seu próprio corpo, e uma característica dessas cuidadoras é que muitas já passaram dos seus 40 anos. Como o foco de cuidado é o idoso até mesmo por parte da família acabam esquecendo sobre os interesses e saúde da cuidadora, essa mulher acaba tornando-se um meio e tiram dela parte de sua humanidade.

“P: A senhora gosta de realizar essa atividade?”

R: Sinceramente, tem horas em que eu fico cansada. Mas eu gosto, quando eu saio eu sinto falta. Quando ela sai e vai para a casa de alguém aqui em casa fica vazio, né nequinha? Mas no dia a dia eu fico cansada, as vezes dá vontade de sumir. Mas aí eu penso e volto atrás.”, “Eu já estou acostumada a ser a cuidadora, mesmo cansando.”

Repensar a saúde da cuidadora é muito importante, pois há situações consideráveis em que os cuidadores são idosos. Casamentos de longa data em que por alguma fatalidade alguém necessite do cuidado caberá ao cônjuge prover, e é interessante notar que esse é o único cenário em que o homem fornece o cuidado: caso a sua esposa necessite (SANTOS e RIFIOTIS). Ou seja, somente no caso de compartilhamento de anos de vida é que caberá ao homem realizar a tarefa de cuidar, enquanto que para a mulher essa tarefa foi e é realizada durante toda a sua vida. Novamente citando, cada membro do grupo familiar possui sua função e mesmo com o envelhecimento e aposentadoria ainda se esperam tais atitudes deles.

Com toda essa situação de necessidade de um cuidado pouco é explorado se a cuidadora gostaria de realizar essa atividade, devido a organização e núcleo familiar essa

delegação é apenas atribuída e cabe a ela aceitar, mesmo que não goste não há grandes espaços e oportunidades para negação. Acabam assim naturalizando e romantizando tanto a tarefa que o gosto pessoal deixa de se tornar uma variável considerável e influente. As orientações religiosas e morais entram nesse momento para fornecer o conforto e força suficientes para o prosseguimento da tarefa.

“P: Se você tivesse a opção e oportunidade de não realizar essa tarefa, você deixaria?”

R: Olha... Pra sempre não. Alguma vez ou outra pra eu descansar, mas pra sempre não. Se tivesse alguém pra me ajudar seria muito bom. Eu acho que não deixaria deixar mesmo não.”

Por fim, um fato interessante percebido é que como o envelhecimento é uma atualidade social surge assim um novo mercado, num contexto capitalista não há tempo a perder para a exploração de novo nichos. Atualmente no Brasil percebe-se um crescimento na profissão de Cuidador de Idosos, ainda é uma atividade nova e por isso ainda enfrenta uma carência de mão de obra. O projeto que regula a profissão de cuidador de idoso foi aprovada em 2012 pela Comissão de Assuntos Sociais (CAS) e desde então obteve um crescimento de 550% entre 2007 e 2017 de acordo com a Relação Anual de Informações Sociais (RAIS), do Ministério do Trabalho. O perfil dos trabalhadores que adentram nesse campo é formado em sua maioria por mulheres, são em maioria casadas, católicas e estão com idade entre 41 – 50 anos, dados de acordo com o Portal do Envelhecimento. A maior diferença entre as trabalhadoras formais e informais é em relação a obrigatoriedade do salário para a realização da tarefa e a jornada de trabalho, enquanto que a formal possui uma jornada de 8 horas diárias as informais realizam uma jornada de 20 horas. Atualmente (05/06/2019) o Projeto de Lei da Câmara (PLC) 11/2016 que regulamenta a profissão de cuidador de idoso passou pela Comissão de Constituição, Justiça e Cidadania e agora segue para análise o Plenário. Caso tudo ocorra como o sugerido pelo projeto o Cuidador estará sujeito à legislação relativa ao trabalho doméstico se o contratante for uma pessoa física, caso seja jurídica poderá estar sujeito à Consolidação das Leis de Trabalho.

Em alguns depoimentos analisado no Portal do Envelhecimento o exercício do cuidado de idosos foi o primeiro emprego dessas mulheres, dessa maneira conseguiram adentrar no mercado de trabalho e assim garantir uma independência. Curioso observar como a construção social da mulher e toda a Divisão Sexual do Trabalho acabaram por

auxiliar numa entrada mais facilitada nesse mercado, claro que isso não exclui todos os malefícios que ambos os eventos causam na realidade das mulheres. Acaba ocorrendo que como o cuidado e afetividade são características relacionadas com a mulher e a feminilidade há uma maior identificação com essa profissão, mas esse fato é o resultado de contexto específicos. Um evento curioso foi observado por Guimarães, Hirata e Kurumi (2011) que analisaram como a profissão de cuidado no Japão vem tendo seu significado alterado, assim como os dos trabalhadores que o realizam. No Japão está ocorrendo um crescimento no número de homens que estão realizando o trabalho de cuidado com idosos e isso é devido as crises financeiras e na dificuldade de contratação existente no país ao longo das últimas décadas. Acabou-se originando assim uma renovação no perfil dos trabalhadores que atuam nessa área e dessa forma é possível afirmar que a Divisão Sexual do Trabalho é uma construção social e que contextos econômicos e sociais são os responsáveis por determinar a sua prevalência e autoridade.

No decorrer da pesquisa algumas questões mostraram-se presentes e conflitantes na vida das cuidadoras. Uma delas – e para mim a mais importante - é na dupla concepção existente diante do cuidado, pois ao mesmo tempo que essa é uma situação desvalorizante – muito em decorrência da ausência de uma remuneração e de uma regulamentação que a proteja -, apresenta-se também como uma ação nobre e valorizante, afinal abdicar de si próprio para prover o conforto de outro – ainda mais um parente que necessita – é algo a ser prestigiado. Conviver com essa contradição é algo que faz parte da realidade dessas mulheres, a execução dessa tarefa foge do mecânico e é atribuída de sentimentos, configurações sociais e reconhecimento do passado.

Um último aspecto interessante de ser mencionado é em relação aos aspectos positivos da velhice. Durante busca e coleta bibliográfica uma quantidade pouco expressiva de artigos e trabalhos foram encontrados que abordavam os componentes positivos relacionados à velhice e o envelhecimento. A produção nesse sentido é voltada em como deixar esse momento da vida mais agradável ou em como prover uma melhor aceitação dessa fase – tanto para os idosos quanto para os envolvidos. O lado positivo da velhice é retratado como a ausência ou camuflagem dos aspectos negativos e não como um benefício em si mesmo, sendo assim acabei percebendo que a abordagem sobre o envelhecimento já é tida como negativo. As busca e exaltação da juventude são elementos que auxiliam na compreensão dessa perspectiva, mas a consideração do envelhecimento como algo totalmente negativo carrega consigo uma maior complexidade. As fontes e

veículos que abordam esse questionamento encontram-se na maioria em reportagens de jornais, revistas e sites com temática de saúde e ainda assim possuem títulos como: “O surpreendente lado bom de envelhecer” – BBC Brasil⁵ -, “10 coisas ótimas e 10 péssimas sobre envelhecer reveladas por quem já chegou lá” – Site Vix⁶. É necessário uma nova representação e interpretação diante da velhice, pois assim será possível ouvir as demandas dos pertencentes atuais desse grupo e melhorar a condição de vida dos futuros integrantes.

⁵Disponível

em:

<

https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/11/151105_vert_fut_beneficios_envelhecimento_ml>

Acesso em: 06/06/19

⁶ Disponível em: < <https://www.vix.com/pt/bdm/saude/10-coisas-otimas-e-10-pessimas-sobre-envelhecer-reveladas-por-quem-ja-chegou-la>> Acesso em: 06/06/19

6 - Referências Bibliográficas

ALVES, José Carlos Moreira. **Direito Romano**. Rio: Forense, 1977.

ALVES, Zélia Mana Mendes Biasoli; SILVA, Maria Helena G. F. Dias da. **Análise qualitativa de dados de entrevista: uma proposta**. Paidéia (Ribeirão Preto), Ribeirão Preto, n. 2, p. 61-69, July 1992. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-863X1992000200007&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 17 de março de 2019

ATHAYDE, Milton. **Christophe Dejours: da psicopatologia à psicodinâmica do trabalho**. Cad. Saúde Pública, Rio de Janeiro, v. 21, n. 3, p. 989-990, junho 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2005000300039&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 17 de março de 2019

BEAUVOIR, Simone de. **A Velhice**; tradução Maria Helena Franco Martins. – 2. Ed. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2018.

BODART, Cristiano. **A importância do Capital Cultural: contribuição de Pierre Bourdieu**. Disponível em: <<https://www.cafecomsociologia.com/importancia-do-capital-cultural/>> Acesso em: 17 de março de 2019

BOURDIEU, Pierre. (1986) **As formas de capital**. Em J. Richardson (Ed.) Manual de Teoria e Investigação em Sociologia da Educação (New York, Greenwood), 241-258.

BOURDIEU, Pierre. **Escritos de Educação**. Petrópolis: Vozes, 1998.

DALLA LANA, Letice; SCHNEIDER, Rodolfo Herberto **Síndrome de fragilidade no idoso: uma revisão narrativa Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia**, vol. 17, núm. 3, julho-septiembre, 2014, pp. 673-680.

DEJOURS, C. **A banalização da injustiça social**. (7º ed.). (L. A. Monjardim, trad). Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007.

DEJOURS, C. **A Loucura do Trabalho: ensaio da psicopatologia do trabalho**. (5º ed. ampl.). (A. L. Paraguay e L. L. Ferreira, trads). São Paulo: Cortez- Obere, 1992.

DEJOURS, C. Addendum: da Psicopatologia à Psicodinâmica do Trabalho. In. S. Lancman e L. Szelmar (Orgs.) **Christophe Dejours: da psicopatologia à psicodinâmica do trabalho** (pp. 48-111). Rio de Janeiro, Editora Fio Cruz, 2004.

DEJOURS, C. **Uma resposta durante o seminário “Seminário e prazer no trabalho”**. In. S. Lancman e L. Szelmar (Orgs.). **Christophe Dejours: da psicopatologia à psicodinâmica do trabalho**. (3º ed.). (F. Soudant, trad.) (pp.185-192) Brasília: Paralelo 15, 2011

DIAS, T. R. S; OMOTE, S. **Entrevista em Educação Especial: aspectos metodológicos**. Revista Brasileira de Educação Especial, Piracicaba, v. 3, p. 93-100, 1995.

- DURKEIM, Émile. **Educação e sociologia**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2013.
- DURKHEIM, E. (2010). **Da divisão do trabalho social**. Volume 1. 4a edição - São Paulo, Editora Martins Fontes.
- FONTANA, David. **Psicologia para Professores**. São Paulo: Loyola, 2002.
- GUIMARAES, Nadya Araujo; HIRATA, Helena Sumiko; SUGITA, Kurumi. **CUIDADO E CUIDADORAS: O TRABALHO DE CARE NO BRASIL, FRANÇA E JAPÃO**. Sociol. Antropol., Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 151-180, Junho 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2238-38752011000100151&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 17 de março de 2019
- HIRATA H. **Divisão sexual do trabalho: novas tendências e problemas atuais**. Gênero no Mundo do trabalho. Brasília, Fundo de Gênero Brasil/Canadá. 2000
- IBGE. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) 2012**. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: 17 de março de 2019
- IBGE. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) 2017**. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: 17 de março de 2019
- LAVILLE, C.; DIONNE, J. **A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas**. Porto Alegre: Editora Artes Médicas Sul Ltda.; Belo Horizonte: Editora UFMG. 1999.
- LEVIN, Esteban. **A infância em cena - Constituição do sujeito e desenvolvimento psicomotor**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1997.
- MATTOS, Sergio Sanandaj. **A análise social de Max Weber**. Disponível em: <<http://sociologiacienciaevida.com.br/a-analise-social-de-max-weber/>> Acesso em: 17 de março de 2019
- NOGUEIRA, M. A. A Categoria "Família" na Pesquisa em Sociologia da Educação: Notas Preliminares Sobre um Processo de Desenvolvimento. Revista Inter-Legere, v. 1, n. 9, 23 out. 2013.
- ONU BRASIL. **Fundo de população da ONU alerta para a violência contra idosos no Brasil**. Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/fundo-de-populacao-da-onu-alerta-para-violencia-contra-idosos-no-brasil/>>. Acesso em: 17 de março de 2019
- Política nacional do idoso: velhas e novas questões** / Alexandre de Oliveira Alcântara, Ana Amélia Caramano, Karla Cristina Giacomini – Rio de Janeiro : Ipea, 2016. 615 p. : il.: gráfs.
- RODRIGUES, Patrícia Ferreira et al. **SOFRIMENTO NO TRABALHO NA VISÃO DE DEJOURS**. Revista Científica Eletônica de Psicologia, Garça, v. 7, p.1-8, nov. 2006. Semestral.
- SAHLGREN, Gabriel. **Work longer, live healthier: The relationship between economic activity, health and government policy**. Age Endeavour Fellowship, Institute of Economic Affairs. Reino Unido, 2013.

SITE ENVELHECER SEM VERGONHA. Risco de depressão após aposentadoria aumenta em 40%. Disponível em: <
<https://www.envelhecersemvergonha.com.br/envelhecimento-e-sociedade/risco-de-depressao-apos-aposentadoria-aumenta-em-40-porcento>> Acesso em: 17 de março de 2019

SITE OLHE, PORTAL DO ENVELHECIMENTO. Perfil do Cuidador. Disponível em: <
<http://olhe.org.br/projeto-cuidar-e-viver/perfil-do-cuidador/>> Acesso em: 17 de março de 2019

SOUSA, LUANA PASSOS DE; GUEDES, DYEGGO ROCHA. **A desigual divisão sexual do trabalho: um olhar sobre a última década.** Estud. av., São Paulo , v. 30, n. 87, p. 123-139, Agosto. 2016 . Disponível em:
<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142016000200123&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 17 de março de 2019

SOUTO, H. **Durkheim e a família: Da ‘Introdução à Sociologia da Família’ à ‘Família Conjugal’.** Revista ANTHROPOLOGICAS, ano 9, volume 16(1): 7-30 (2005)

VERONESE, J. R. P.. **O papel da criança e do adolescente no contexto social: uma reflexão necessária.** Jus Navigandi, v. 19, p. 1-10, 2014.

VINUTO, J. . **A amostragem em Bola de Neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto.** Temáticas (UNICAMP) , v. 44, p. 201-218, 2015.

WEBER, Max. **Economia e Sociedade, Vol. I e II,** Brasília: Editora UnB, 1999.